

Deolinda Duarte Esteves

A importância do telemóvel na
comunicação escrita, por SMS, de um
grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos



Universidade do Algarve

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2015

Deolinda Duarte Esteves

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Mestrado em Ciências da Linguagem

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Maria Cabral



Universidade do Algarve

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2015

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.



Copyright – Deolinda Carreira da Conceição Duarte Esteves

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família, o pilar da minha vida, que me apoiou incondicionalmente e que sempre acreditou em mim.

Aos meus filhos, que assistiram impacientemente a muitas horas de pesquisa. Algumas noites foram passadas em branco, para que no dia a seguir pudesse acompanhá-los nas suas rotinas, e alguns programas em família foram adiados por falta de tempo.

Ao meu marido, que me apoiou sempre nesta minha jornada de enriquecimento pessoal e profissional. Sem a sua compreensão, cumplicidade e incentivo, este capítulo do meu percurso académico teria sido muito mais difícil de concretizar.

Obrigada pelo amor, carinho, paciência e incentivo!

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Agradecimentos

Esta dissertação só foi possível porque tive o apoio e incentivo de algumas pessoas e instituições, às quais agradeço profundamente.

À Professora Doutora Maria Cabral, por ter acreditado em mim e no meu projeto. Pela sua dedicação, apoio e disponibilidade. A sua preciosa ajuda, orientação, transparência e sinceridade fizeram com que amadurecesse o meu raciocínio e os meus objetivos. Os seus conhecimentos, sugestões e palavras de incentivo foram fundamentais para abrir os meus horizontes e contribuíram para que não me desviasse do meu percurso.

Ao Professor Doutor Célio Conceição, pela sua frontalidade, incentivo e transmissão de saberes e à Professora Doutora Miriam Tavares, pela sua colaboração e disponibilidade. A participação de ambos foi muito importante para a realização deste estudo.

A todos os docentes do mestrado, pela dedicação, partilha de conhecimentos e amizade.

À diretora do Mega Agrupamento de Escolas Professor Paula Nogueira, professora Elsa Parreira, e à coordenadora da Escola E.B. 2,3 José Carlos da Maia, professora Célia Maria Marques Palma, pela sua receptividade em colaborar e total apoio durante todo o processo.

Aos docentes, não docentes, alunos e respetivos encarregados de educação, da E.B. 2,3 José Carlos da Maia, pela sua colaboração, simpatia e receptividade.

Ao Ministério da Educação, pela sua rapidez na resposta.

Aos escuteiros de Quelfes, II secção, respetivos encarregados de educação e chefes dirigentes, aos meus sobrinhos e primos pela sua colaboração na validação do questionário.

Aos meus amigos e colegas, pelo companheirismo e pela força.

A todos os que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

Resumo

A escrita é um fenómeno que existe há muitos anos. A sua evolução tem acompanhado a evolução da sociedade, adquirindo novos formatos e novos suportes. A escrita é uma forma de comunicação e o seu papel adquire significados diferentes ao longo da nossa vida. Na infância, iniciamos a aprendizagem da competência da escrita, na fase adulta aperfeiçoamo-la, sendo muitas vezes uma ferramenta imprescindível de trabalho, e na adolescência funciona como um código que nos define quando comunicamos com outros elementos do nosso grupo e que nos diferencia dos demais. A chegada das novas tecnologias revolucionou o modo como se escreve. O telemóvel originou novas formas de escrita e acompanhou vertiginosamente a criatividade e a vontade de ser diferente que tanto caracterizam os jovens adolescentes, na comunicação e na socialização. Com o telemóvel surgiram os SMS e a escrita construiu uma personalidade diferente, com características que se assemelham à fala. É uma escrita curta, eficaz, comunica-se em tempo real e transmite emoções. Os SMS, à semelhança da fala, são definidos pelo contexto, pelo sexo, pela idade, pela classe social, por ser menos cuidada e por economizar palavras.

No seguimento desta linha de raciocínio, este estudo foi desenvolvido com o objetivo de observar e refletir sobre a comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos da Escola Básica 2, 3 José Carlos da Maia do Mega Agrupamento Escolas Professor Paula Nogueira, em Olhão, que serviu de base à construção de um questionário.

Com os resultados obtidos através do questionário, verificou-se que os jovens adolescentes têm consciência de que existem ocasiões em que podem utilizar a escrita que aplicam nos SMS, mas que devem utilizar um registo mais formal noutros contextos. Os resultados do questionário aplicado também indicam que o SMS é um dos meios de comunicação escrita preferido pelos jovens, embora estes comecem a explorar outras alternativas mais económicas e práticas, e que existem diferenças no género e na idade na utilização do telemóvel para o envio de SMS.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Palavras-chave: SMS, mensagem de texto, comunicação escrita, novas tecnologias, telemóvel, jovens, adolescentes.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Abstract

Writing is a phenomenon that has existed for many years. Its evolution has followed the evolution of society, acquiring new formats and new supports. Writing is a form of communication and its role takes different meanings throughout our life. In childhood, we start the writing skills learning, when we are adults we improve it, and it is often an essential tool of work, and in our adolescence serves as a code that defines us when we communicate with others our group members and that sets us apart from the others. The arrival of new technologies has revolutionized the way we write. The mobile phone originated new forms of writing and accompanied vertiginously the creativity and the desire to be different that characterize so well the adolescents. With the mobile phone, SMS emerged, and writing built a different personality with features that make it look like the oral speech. It is short and effective, allows the communication in real time and transmits emotions. SMS, like oral speech, are defined by context, gender, age and social class, are less groomed and skimp words.

Following this line of reasoning, this research was developed in order to observe and reflect on written communication, through SMS, performed by the students of Escola Básica 2, 3 José Carlos da Maia - Mega Agrupamento Escolas Professor Paula Nogueira, at Olhão, which formed the basis for the construction of a questionnaire.

With the results, it was found that young adolescents are aware that there are times when they can use the informal writing that they use in SMS, but they also know that they should use a more formal registration in other contexts. The results of the questionnaire applied also indicate that the SMS is one of the means of written communication that young people prefer, however, they begin to explore other more economic alternatives and practices. There are also differences among boys and girls, and their age, when they use the mobile phone to send text messages.

Keywords: SMS, text message, written communication, new technologies, mobile phone, young, teenagers.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Epígrafe

O que é mais difícil não é escrever muito; é dizer tudo, escrevendo pouco.

Júlio Dantas

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Índice

Dedicatória.....	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	v
Epígrafe	vi
Índice de gráficos.....	ix
Índice de tabelas	x
Índice de Figuras	xi
Capítulo I.....	1
Introdução.....	1
1.1 Problemática.....	3
1.2 Questões do estudo.....	4
1.3 Objetivos do estudo.....	5
Capítulo II.....	6
Revisão da literatura	6
2.1. O que é a escrita?.....	6
2.2 Breve perspectiva histórica - Evolução dos suportes e das práticas da escrita.....	12
2.3 A importância da escrita em contexto escolar	14
2.4 A escrita e as novas tecnologias	25
2.5 A escrita nos SMS.....	29
2.6 Adolescência	32
2.7 A escrita digital.....	42
2.8 A relação dos adolescentes com o telemóvel e os SMS	46
Metodologia.....	54
3.1 Enquadramento metodológico	54
3.2 Os participantes.....	55
3.3 Instrumentos de Investigação.....	57
3.4 Procedimentos.....	59
Apresentação e discussão dos resultados.....	61
Conclusões.....	74
5.1 Limitações.....	78
5.2 Sugestões para futuras investigações	79
Referências bibliográficas	80

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos
dos 2.º e 3.º ciclos

6	Apêndices.....	i
6.1	Questionário.....	i
6.2	Autorização da/o encarregada/o de educação.....	vii
6.3	Autorização do inquérito pelo Ministério da Educação.....	viii
6.4	Validação de questionário.....	ix

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Nível de utilização de outros serviços no telemóvel – 2014.....	49
Gráfico 2 - Evolução do tráfego de mensagens escritas (SMS).	49
Gráfico 3 – Evolução da percentagem de utilizadores, indivíduos com 10 ou mais anos com telemóvel,	50
Gráfico 4 – Tráfego de mensagens escritas, sendo a unidade em milhões de mensagens.	50
Gráfico 5 – Evolução da percentagem de utilizadores de telemóvel que utilizam serviços de <i>instant messaging</i> 2013/2015.	51
Gráfico 6 - Evolução trimestral do n.º de SMS por mês.	51
Gráfico 7 - Referente ao estudo da Pew Internet & American Life Project sobre a quantidade de mensagens escritas por telemóvel enviadas diariamente por um grupo de adolescentes norte-americanos.	53
Gráfico 8 – Representação gráfica das outras formas de comunicação, para além dos SMS.	62
Gráfico 9 – Representação gráfica do número de SMS enviados diariamente, em função da idade.	63
Gráfico 10 – Representação gráfica das pessoas com quem os adolescentes comunicam mais por SMS.	64
Gráfico 11 – Representação gráfica dos sinais de pontuação mais utilizados nos SMS.	68
Gráfico 12 – Representação gráfica da opinião dos adolescentes sobre as características da escrita por SMS entre os jovens.	69
Gráfico 13 – Representação gráfica das alterações efetuadas no envio dum SMS.	71
Gráfico 14 – Representação gráfica das alterações efetuadas num SMS.	73

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Índice de tabelas

Tabela 1 – Idade dos participantes	55
Tabela 2 – Sexo dos participantes	56
Tabela 3 – Nacionalidade dos participantes	56
Tabela 4 – Escolaridade dos participantes.....	57
Tabela 5 – Percentagem de SMS enviados em função do género.....	62
Tabela 6 – Percentagem de SMS enviados diariamente em função do sexo.....	63
Tabela 7 – Percentagens dos destinatários preferenciais no envio de SMS.....	64
Tabela 8 – Percentagens de respostas dos participantes à questão: “Achas que o modo como se escreve nos SMS deveria ser aceite em sala de aula?”.....	65
Tabela 9 – Taxa de participantes que não concorda com o uso da escrita dos SMS em contexto de sala de aula.....	65
Tabela 10 – Taxa de participantes que concorda com o uso da escrita dos SMS em contexto de sala de aula.....	65
Tabela 11 – Percentagens de respostas dos participantes à questão: “Escreves nas aulas da mesma forma que escreves nos SMS?”	65
Tabela 12 – Percentagens de respostas dos participantes à questão: “Achas que os jovens escrevem nos cadernos, nos trabalhos e nos testes da escola, da mesma forma que escrevem nos SMS?”	67
Tabela 13 – Percentagens de respostas à questão: “Se respondeste sim, de que forma achas que isso acontece?”.....	67
Tabela 14 – Percentagens das características da escrita dos jovens quando enviam SMS.....	69

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos
dos 2.º e 3.º ciclos

Índice de Figuras

Figura 1 - Representação de alguns <i>smiles</i> utilizados nos SMS.....	32
Figura 2 - Representação de alguns símbolos, e respetivos significados, que se podem encontrar no dicionário de "internetês"	44
Figura 3 - Texto referente à questão n.º 15 do questionário.....	70
Figura 4 - Texto referente à questão n.º 16 do questionário.....	72

Capítulo I

Introdução

Vivemos na era da comunicação. Ao longo dos tempos, temos observado a sérias transformações na comunicação escrita com a chegada das novas tecnologias. A relação com a escrita ganhou outras dimensões. O papel e a caneta são instrumentos que viram o seu espaço reservado essencialmente, mas não somente, para contextos formais, em atividades escolares e profissionais. A escrita, principalmente a informal, adaptou-se e moldou-se à inovação, nomeadamente ao telemóvel, e as plataformas virtuais têm contribuído para uma nova forma de escrever mais espontânea e mais juvenil. Isto tem sido notoriamente visível nos ambientes frequentados pelo público adolescente. As características do telemóvel, como por exemplo o tamanho do ecrã, o custo do envio de cada SMS e a capacidade de caracteres, originaram palavras mais curtas e substituições de frases emotivas por *emoções*. Os adolescentes sentem necessidade de comunicarem entre si através de uma linguagem específica que os caracterize como membros de um determinado grupo e que os diferencie das crianças e dos adultos, e encontraram isso nos SMS. É um dos seus meios preferidos de comunicação, através dos quais partilham informações e experiências de forma rápida e eficaz. Mas, se por um lado temos toda esta criatividade e inovação juvenil, por outro lado temos uma crescente preocupação dos educadores que receiam o declínio da língua portuguesa e das competências de escrita dos jovens.

O principal objetivo desta dissertação é observar e descrever a comunicação escrita por SMS de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos. Neste estudo, refletiu-se sobre a forma como os adolescentes escrevem nos SMS e a influência que a escrita produzida pelos adolescentes nos SMS poderá ter na forma como escrevem noutros contextos, nomeadamente em contexto de sala de aula, e em como a instituição escola pode contribuir para esclarecer os adolescentes de que a escrita pode utilizar vários tipos de linguagem, consoante os destinatários, eliminando barreiras e preconceitos que defendem que os jovens não sabem escrever e que estão a pôr em perigo a língua portuguesa.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Escolheram-se como participantes, jovens estudantes, matriculados nos 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade e decidiu-se que o espaço físico seria uma escola básica dos 2.º e 3.º ciclos. Escolhido o espaço, surgiu a questão: que escolas reúnem as condições necessárias para a realização deste estudo? Sendo a autora deste estudo residente do concelho de Olhão, escolheu-se a Escola Básica 2, 3 José Carlos da Maia do Mega Agrupamento Escolas Professor Paula Nogueira, em Olhão. Esta escola reúne as características necessárias para realizar o estudo proposto, uma vez que sendo uma escola pública oferece uma diversidade cultural e económica que enriquece a oportunidade de se aprender algo com este estudo.

A ideia para desenvolver este trabalho surgiu com a observação do comportamento dos jovens quando trocavam mensagens escritas por telemóvel. A pesquisa bibliográfica selou o início do estudo. Deu-se preferência a autores que estudassem a adolescência e as suas transformações sociais, a escrita dos adolescentes e as transformações que a escrita sofreu com a chegada das novas tecnologias. Tentou-se perceber como era a escrita antes e como é a escrita depois do telemóvel, como é que os adolescentes adaptaram a escrita às características do telemóvel e se os adolescentes escrevem pior ou melhor com o aparecimento do telemóvel e das novas tecnologias.

O trabalho está dividido em cinco capítulos. O capítulo um inclui a introdução, a problemática, as questões do estudo e os objetivos do estudo.

O capítulo dois apresenta a revisão da literatura e aborda questões relacionadas com a origem e evolução da escrita, a escrita dos adolescentes, a caracterização dos adolescentes e a relação dos adolescentes com as novas tecnologias.

O capítulo três descreve a metodologia utilizada neste estudo. Neste capítulo, estão explicados os participantes, os instrumentos utilizados, os procedimentos de recolha e o tratamento de informação.

O capítulo quatro apresenta e discute os resultados com o recurso a figuras, gráficos e tabelas.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

O capítulo cinco apresenta as conclusões que inclui uma síntese dos resultados encontrados, as implicações educativas que os resultados deste estudo poderão ter em contexto de sala de aula e sugere ideias para novos estudos.

1.1 Problemática

É quase impossível ficar-se indiferente às mudanças de comportamento que o uso do telemóvel trouxe para o seio da nossa sociedade. Nos jovens, essa mudança de comportamento é ainda mais visível. O envio constante de SMS e a rapidez com que o fazem são características do quotidiano dos jovens. Para pouparem espaço e tempo, observou-se que algumas letras eram substituídas por outras com o mesmo som. Os jovens não utilizam a mesma terminologia que os adultos quando escrevem SMS e regem-se por normas ortográficas diferentes das que se regem em contexto de sala de aula. O telemóvel mudou o modo como os jovens comunicam e escrevem. A comunicação escrita por telemóvel quer-se curta e eficaz e o tamanho do ecrã dos dispositivos e a limitação do número de caracteres, quando se enviam SMS, contribuem para que isso aconteça.

A motivação para a realização deste estudo surgiu pela observação da relação dos jovens com o telemóvel, o comportamento que adotavam quando enviavam ou recebiam SMS e a visualização de textos escritos por SMS, tendo a autora a oportunidade de receber ela própria alguns desses SMS. A rapidez com que os jovens escreviam um SMS levou a autora a questionar o porquê de isso acontecer e constatou que muitas das palavras não eram escritas corretamente e que a pontuação era muitas vezes ignorada.

A linguagem adotada por esta comunidade jovem, repleta de substituições de letras (por exemplo, “axar” por “achar”), sem respeito pela pontuação e pelas letras maiúsculas em início de frase, despertou a curiosidade da autora do estudo em querer saber a quantidade de SMS que os jovens enviavam, e para quem, o porquê dessas alterações na escrita e o que é que essa comunidade achava da possibilidade de poderem escrever em sala de aula como escrevem nos SMS.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

A autora constatou também que a maioria dos jovens recebia o seu primeiro telemóvel no ano em que se matriculava no 5.º ano de escolaridade, ou seja, com 10 anos de idade.

As variáveis sexo e idade foram escolhidas pela autora para explorar a relação entre os jovens e o telemóvel, de modo a avaliar a sua influência na quantidade de SMS enviados diariamente, na familiaridade e aceitação da linguagem criada pela comunidade jovem na comunicação escrita por SMS. Escolheram-se essas variáveis porque permitem analisar as diferenças de comportamento em cada faixa etária e por género.

Pretende-se, com este estudo, dar a conhecer os resultados da pesquisa efetuada, ao grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos da Escola Básica 2, 3 José Carlos da Maia do Mega Agrupamento Escolas Professor Paula Nogueira, em Olhão.

Este estudo é relevante para se perceber de que forma os adolescentes comunicam e veem a comunicação escrita por SMS. Além disso, todos os elementos da comunidade educativa, pais, professores, auxiliares e técnicos de educação, podem beneficiar com este trabalho, no sentido de que após conhecerem os resultados compreenderão um pouco melhor o comportamento dos jovens quando comunicam por escrito, via SMS, e talvez construir-se soluções em contexto de sala de aula, como por exemplo, analisar-se em sala de aula a escrita que os adolescentes utilizam nos SMS, como parte do programa curricular de português, permitindo a partilha de experiências, a troca de saberes e o diálogo construtivo entre alunos e professores.

Pretende-se, também, contribuir para a continuidade do estudo a ser realizado posteriormente por outros investigadores.

Não se pretende com este estudo provar hipóteses, explicar fenómenos, estabelecer leis gerais ou determinar relações de causa e efeito.

1.2 Questões do estudo

De acordo com Stake (1995), uma das tarefas mais difíceis do investigador é elaborar boas questões de estudo que sejam pertinentes para a investigação.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Neste estudo, considerada a problemática em análise, decidiu-se focar na busca de informação que proporcionasse a oportunidade de responder às seguintes questões de investigação:

- Qual é a importância atribuída à comunicação por SMS por parte dos adolescentes inquiridos?
- Existem diferenças de género na preferência pela comunicação escrita através do telemóvel?
- Qual é o número médio de SMS enviados por dia, em função do sexo e da idade;
- Quando os adolescentes utilizam o telemóvel, com quem comunicam preferencialmente?
- O que pensam sobre o uso da escrita que utilizam nos SMS em contexto sala de aula?
- Os inquiridos têm consciência das implicações do uso dos SMS em contexto sala de aula?
- Quais são as características dos SMS enviados pelos jovens?

1.3 Objetivos do estudo

Este estudo tem como objetivos:

- Analisar a importância que o telemóvel tem na comunicação escrita para o grupo de adolescentes;
- Compreender o impacto que as mensagens de texto podem ter nas competências de comunicação escrita dos jovens;
- Contribuir para uma melhor compreensão da relação que existe entre os adolescentes e o telemóvel.

Capítulo II

Revisão da literatura

Este capítulo pretende apresentar uma análise crítica da bibliografia consultada mais pertinente, referente à problemática em estudo. Sendo a escrita, os adolescentes e o telemóvel os principais protagonistas desta dissertação, é dada especial importância na sua definição e caracterização. Aborda-se também a evolução da escrita, a importância da escrita em contexto social e escolar, a escrita e as novas tecnologias, a escrita dos SMS, a escrita dos adolescentes e a relação dos adolescentes com o telemóvel.

2.1. O que é a escrita?

Foi a necessidade social de o homem comunicar através de um sistema pictográfico que fez com que a escrita surgisse, ou seja, quando o homem aprendeu a transmitir os seus sentimentos, as suas opiniões e as suas ideias por meio de signos. Para Gelb, (apud Macedo, 1995, p. 194, como referido em Lisboa, 2015, p. 28) a escrita só existe numa civilização e uma civilização não pode existir sem a escrita. É uma substância da humanidade e organiza a cultura de um povo. A escrita tornou-se em algo essencial para a sobrevivência humana. Cagliari (1993, p. 96) diz mesmo que a sua ausência em determinado grupo é quase impercetível. Há uma relação estreita entre a escrita e a cultura na qual está inserida e, por isso, a escrita não pode ser caracterizada somente do ponto de vista escolar. Daí ser importante, como defende Anderson (2014), saber definir o que é a escrita.

O ser humano não possui uma predisposição natural para a escrita, como possui, por exemplo, para a fala. Segundo Carvalho (2012), o desenvolvimento da linguagem oral ocorre naturalmente, desde os primeiros anos de vida e pelo contacto do indivíduo com o meio que o rodeia, enquanto a aquisição e desenvolvimento da capacidade de escrever só ocorre mais tarde e é resultado da aprendizagem escolar (p. 117).

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

A possibilidade de comunicar através da linguagem escrita implica por parte do escrevente, de acordo com Carvalho (2012), “a compreensão do funcionamento do sistema alfabético, em que cada um dos caracteres corresponde a valores sonoros”. Nesta linha de raciocínio, Ferreiro e Teberosky (1986, como referido em Carvalho, 2012, p. 30) acrescentam que neste processo, caracterizado pela sua coerência e lógica internas e que parte da distinção entre o gráfico icónico e não icónico, passando pela distinção dentro das grafias não icónicas e que acaba na descoberta das relações entre o todo e as partes, o escrevente, a partir de uma recolha seletiva das informações que o meio lhe proporciona, começa a formular hipóteses acerca da natureza da linguagem, produzindo a sua própria gramática. Os autores referem ainda que é neste processo que se encontra “muito de construção espontânea da criança, como, por exemplo, a hipótese de que é necessário um número mínimo de grafias para que uma palavra tenha significado, ou a de que cada símbolo gráfico corresponde a uma sílaba” (Ferreiro e Teberosky (1986, como referido em Carvalho, 2012, p. 30. Simultaneamente, a criança tem de adquirir alguns mecanismos intelectuais e padrões de raciocínio, como por exemplo a classificação múltipla, para poder compreender a forma de produção da escrita própria do sistema alfabético e que só se adquirem na fase operacional (Sequeira, 1989, como referido em Carvalho, 2012, p. 30). Importa realçar também que a criança desenvolve capacidades motoras que o ato de escrever implica, nomeadamente, a ativação de certos músculos que mantêm a posição de escrita (Ajuriaguerra & Auzias, 1975, como referido em Carvalho, 2012, p. 31).

A comunicação oral ocorre, normalmente, numa situação de conversação face a face, o discurso oral resulta de um trabalho de coprodução dos intervenientes em que o emissor pode reformular algum aspeto que não tenha sido entendido, o que faz com que a dificuldade de compreensão seja relativamente reduzida. O timbre e a intensidade não afetam o significado da frase, mas revelam algo sobre o emissor (sexo, idade). Contudo, a entoação, que permite determinar o tipo de frase, o acento e o ritmo permitem agrupar os elementos do discurso em unidades de informação, dar ênfase a determinadas palavras, mostrar a atitude do emissor (Carvalho, 2012, p. 28). O autor acrescenta que o discurso oral é espontâneo, uma vez que o emissor não dispõe de tempo para prepará-lo. As pausas são abundantes e permitem ao emissor pensar o seu discurso; as repetições são imensas, assim como as reformulações do discurso; há muitas frases soltas e a

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

estruturação do discurso oral é menor que a do escrito. Além disso, o discurso oral caracteriza-se por um alto grau de redundância e por um baixo nível de densidade lexical (Carvalho, 2012, pp. 28-29).

A linguagem escrita é uma realidade diferente, mais complexa. Segundo Martlew (1983, como referido em Carvalho, 2012, p. 31), o ato de escrever exige a formulação de ideias numa linguagem extremamente convencionada para transmitir um discurso significativo a um destinatário que se encontra distante temporal e espacialmente; “explicita um significado pela escolha e ordenamento de palavras num discurso lógico que implica o uso das formas linguísticas de um modo relativamente inflexível ao exprimir relações”. Na comunicação escrita, a clarificação de uma ambiguidade ou a solução de um eventual problema de compreensão não ocorrem imediatamente. A pontuação indica o tipo de frase e para se realçar determinada parte da frase, já é necessário recorrer à alteração da sua estrutura normal ou ao uso, por exemplo, do sublinhado ou das aspas. O texto escrito não se infere a partir do contexto, como na comunicação oral, o que faz com que o emissor tenha de colocar toda a informação no discurso para que a mensagem seja compreendida. Mas há, também, aspetos da linguagem escrita sem contraponto na oralidade. A escrita demarca com clareza as diversas partes do discurso: parágrafo, período, palavra; o uso da letra maiúscula para assinalar os nomes próprios; a utilidade dos parêntesis para a economia do discurso; o uso das aspas; e até a disposição do texto na página poderá dar indicações acerca do tipo de texto apresentado (Carvalho, 2012, p. 28). O discurso escrito é menos redundante, apresentando um alto grau de densidade lexical, com um vocabulário muito mais variado; há mais articulação entre as frases, predominando a subordinação e a organização do texto é muito maior. O autor (Carvalho, 2012) justifica tudo isto pelo facto de o discurso ser produzido com calma, tendo o emissor tempo para o pensar, realizar e reformular. Por outro lado, o recetor também tem mais tempo e mais liberdade na descodificação, na medida em que o texto escrito permanece, tornando-se, de certa maneira, independente do seu autor, enquanto o oral é efémero, local e pessoal e, por isso, facilmente sujeito à distorção, estando o ouvinte mais dependente do sujeito emissor (pp. 27-38).

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

A aquisição e desenvolvimento da capacidade de escrever é, segundo Carvalho (2012), um processo longo, no decurso do qual, os escreventes em desenvolvimento passam por diferentes fases que decorrem da progressiva automatização de dimensões do processo de escrita, que torna possível a consideração de aspetos que se situam a níveis cada vez profundos (Carvalho, 2012, p. 117). Kroll (1981, como referido em Carvalho, 2012, p. 117) descreve este processo detalhadamente e analisa-o delimitando quatro fases: preparação, consolidação, diferenciação e integração.

A primeira fase, a da preparação, corresponde à aquisição dos mecanismos da ortografia e da motricidade. Implica o desenvolvimento muscular que torna possível a apreensão do instrumento de escrita e a sequência dos movimentos numa superfície plana e, simultaneamente, o domínio de um espaço de natureza bidimensional, num esforço contínuo de antecipação (Ajuriaguerra e Auzias, 1975, como referido em Carvalho, 2012, p. 118). O desenvolvimento destas dimensões poderá ser facilitado pelo exercício de determinados movimentos e posturas através de atividades de desenho, recorte e picotagem que são típicas da educação pré-escolar. Um dos aspetos mais absorventes desta fase, para além da realização dos movimentos gráficos, é, sem dúvida, o da ortografia, dadas as características próprias da escrita alfabética, características essas inerentes à sua natureza de código arbitrário que tem como objetivo representar os sons da língua oral: há grafemas que correspondem a mais do que um fonema, há fonemas representados por mais do que um grafema, há, em suma, uma grande irregularidade na correspondência entre os sons da língua e a sua representação gráfica (Rebelo, 1986, como referido em Carvalho, 2012, p. 118). Gradualmente, a criança começa a adquirir um conhecimento das regras ortográficas e a criar uma espécie de “dicionário mental”, no qual vai inserindo a imagem da palavra escrita (Jorm, 1975, como referido em Carvalho, 2012, p. 118). A ortografia é uma questão bastante complexa. Por um lado, não apresenta regularidade e por outro lado, o processo que envolve a sua aprendizagem pode ser dificultado devido a uma série de fatores que causam o erro ortográfico. Gomes (1989, como referido em Carvalho, 2012, p. 118) aponta algumas dessas causas, como as de natureza psicológica, relacionadas com a atenção, memória e perceção; as que resultam da interferência de outras línguas; as derivadas da complexidade da própria língua; as resultantes de um contacto frequente com situações preponderantemente orais; as que derivam dos métodos de leitura seguidos; e as que

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

têm a ver com o meio social em que o aluno está inserido. A pontuação e a delimitação das palavras e das frases são ainda outras preocupações com que o escrevente em desenvolvimento tem de ter, o que faz com que o ato de escrever seja muito demorado (dezoito vezes mais demorado do que a correspondente atividade oral). Importa salientar que nesta fase, um acompanhamento vocal é essencial para facilitar a codificação, conforme referem Simon (1973, como referido em Carvalho, 2012, pp. 118-119) e Martlew (1983, como referido em Carvalho, 2012, pp. 118-119). Contudo, o texto produzido nesta fase é muito rudimentar, tendo em conta todos os problemas referidos com que o escrevente tem de se confrontar (Carvalho, 2012, p. 119).

A segunda fase, a da consolidação, implica a automatização dos aspetos relacionados com a motricidade e com a ortografia. Nesta fase, a expressão escrita ainda apresenta sinais típicos da oralidade e tem muitos coloquialismos. De acordo com Martlew (1983, como referido em Carvalho, 2012, p. 119) “o carácter “oral” deste tipo de escrita, associado a um certo grau de desenvolvimento cognitivo, deriva da falta de consciência da natureza “descontextualizada” da comunicação”. A criança escreve como fala, uma vez que ainda não sabe diferenciar as funções próprias da linguagem escrita e da linguagem oral.

A terceira fase, a da diferenciação, inicia-se com a tomada de consciência, por parte do indivíduo, da diferença entre escrita e oralidade (Carvalho, 2012, p. 119) e pressupõe a redação de um texto de forma autónoma, sem auxílio de pistas, e adequado ao destinatário, isto é, o escrevente toma conhecimento das características da escrita em diferentes contextos e que resultam da consecução de objetivos que pretende atingir com o texto (Applebee, 2000, como referido em Carvalho, 2012, p. 121).

A quarta e última fase, a da integração, implica o desenvolvimento do estilo pessoal do escrevente. O sujeito faz as suas opções de carácter linguístico, moldando a sua expressão às suas características pessoais, em função das circunstâncias. Este processo passa por uma evolução em que as preocupações do escrevente se vão modificando, ou seja, inicia-se com os aspetos mais superficiais da expressão: os movimentos gráficos, a ortografia, a delimitação da palavra e da frase pelo uso da pontuação, e termina com aspetos mais profundos tendo em vista a adequação da expressão à situação de

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

comunicação, com a consideração de fatores como o recetor, a situação, o conteúdo (Martlew, 1983, como referido em Carvalho, 2012, p. 122).

A escrita transformou a tradição oral dando origem à cultura do texto (Kramsch, 1998, p. 57). Escrever é comunicar e comunicar é pôr em circulação uma determinada informação em forma de mensagem. Cada mensagem é codificada e decodificada a partir da realidade de cada indivíduo. Escrever é, assim, uma ação recíproca que facilita a comunicação entre duas pessoas (Fillioud, 1981). Por outro lado, a escrita não se define só como um meio de comunicação, como Cagliari (1993, p. 103) observa. O autor refere que a escrita seja ela qual for, tem como objetivo principal permitir e motivar a leitura, isto é, pede-se ao leitor que interprete o que está escrito de forma a realizar algo que a escrita indica. É nesta linha de raciocínio que Cagliari (1993) defende que a escrita e a leitura são práticas complementares que permitem ao indivíduo construir o seu conhecimento (Cagliari, 1993). A relação entre o contacto com a linguagem escrita, mais precisamente através da leitura, e o desenvolvimento da capacidade de expressão escrita é examinada por vários autores. Ferreiro e Teberosky (1986, como referido em Carvalho, 2012, pp. 40-41) concluíram que as crianças que contactam diariamente muito pouco com a linguagem escrita revelam dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita. Byrne (1988, como referido em Carvalho, 2012, p. 41) salienta a importância da leitura na familiarização do sujeito com o funcionamento dos mecanismos da linguagem que sejam característicos da comunicação escrita. Após a análise de vários estudos que concluem que a leitura é fundamental para o desenvolvimento da capacidade de expressão escrita, Krashen (1984, como referido em Carvalho, 2012, p. 41) deduz, a partir da comparação com outros estudos, que a leitura é realmente mais eficaz do que a própria produção de textos escritos. Nesta linha de raciocínio, Silva (2010, p. 51) sublinha que a leitura fornece uma variedade de informação que, além de auxiliar o aluno na construção dos seus próprios textos, ajuda-o a refletir sobre a norma ortográfica.

A história da escrita está relacionada com a evolução da humanidade e tem sofrido grandes alterações desde a pré-história até aos nossos dias.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

2.2 Breve perspetiva histórica - Evolução dos suportes e das práticas da escrita

A invenção da escrita não surgiu por acaso. Segundo Higounet (2003), a necessidade de sobrevivência do indivíduo foi responsável pelas primeiras formas de comunicação escrita e pelo desenvolvimento do processo. O homem começou primeiro a representar o que via, através de desenhos (pictografia). Aqui, o significado deriva diretamente da figura que o representa, sendo este um sistema figurativo (Leicknam e Ziegler, 1998, como referido em Batalha, s.d.). Mais tarde, o homem começou a representar ideias (ideografia), isto é, criou um sistema de escrita que possui um símbolo para cada coisa. Por fim, começou a representar os sons e as sílabas (ortografia) numa tentativa de desenhar o som da língua e que resultou na decomposição do som das palavras em sílabas ou em fonemas - o som das letras (Batalha, s.d.).

Foram inventados pelo menos quatro sistemas de escrita em épocas diferentes, de acordo com Batalha (s.d.). A autora acrescenta que os quatro sistemas foram criados na Mesopotâmia, no Egito, na China e na América Central por quatro povos distintos.

Os testemunhos escritos encontrados mais antigos são provenientes da região da Mesopotâmia e remontam a 3300 anos antes de Cristo. Os sumérios, que habitavam a Mesopotâmia, desenvolveram a escrita cuneiforme. Batalha (s.d.) refere que o termo “cuneiforme” vem de cunha - uma pequena ferramenta de entalhe que gravava símbolos em pequenas placas de cerâmica.

O segundo sistema foi inventado pelos egípcios que criaram os hieróglifos, a escrita das pirâmides. No início, a escrita no Egito era reservada a uma classe privilegiada de especialistas, os escribas, que funcionavam como o elo entre o faraó, outros funcionários do governo, os sacerdotes e o povo. A palavra hieróglifo significa escrita sagrada e vem das palavras gregas *hieros*, “sagrado”, e *eglyphein*, “gravar, escrever” (Leicknam e Ziegler, 1998, como referido em Batalha, s.d.).

O terceiro sistema de escrita surgiu na América Central com os maias e os astecas, mas de acordo com Batalha (s.d.) grande parte dos seus documentos escritos foi destruída aquando da conquista pelos europeus.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

A China foi o palco do quarto sistema de escrita que foi inventado há mais de 3 mil anos e com ele chegou o papel. Antes do papel, existiram outros suportes, nomeadamente, placas de barro, madeira, metal, osso, bambu, tecido, couro - o pergaminho era obtido a partir do couro curtido -, cascas de árvore e papiro, uma espécie de papel mais fibroso. (Leicknam e Ziegler, 1998, como referido em Batalha, s.d.).

De acordo com Santaella (2013, como referido em Koziel, 2015, p.22), a produção da escrita é um processo que necessita de um suporte e de um código alfabético para ser realizada e o caminho que tem percorrido, desde a argila, da escrita cuneiforme, até ao computador ou ao telemóvel tem sido relativamente longo. Na verdade, a escrita está em permanente processo de evolução. Ela reflete e acompanha a forma como as sociedades vivem, os seus hábitos, a sua tecnologia e as suas características particulares (Zali e Berthier, 1997, como referido em Batalha, s.d.). Nesta linha de raciocínio, Chartier (2002) defende que os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são veículos. De facto, o mesmo texto fica alterado caso se mudem os dispositivos da sua escrita e da sua comunicação” (p. 62). A evolução da escrita também está relacionada com a evolução dos suportes para se escrever e os próprios suportes influenciam a leitura do que se escreve.

Hoje, de acordo com Batalha (s.d.), já não se dá tanta importância a ter uma letra bonita no caderno, porque o acesso a computadores torna mais fácil a produção da escrita. Existe também nos *e-mails* e nas trocas de mensagens escritas uma variação da linguagem, e o uso de símbolos gráficos – os *emotions* – que tentam imitar as expressões faciais que acompanham a linguagem oral que mostram como a escrita é um processo vivo e ativo, inventado e reinventado pela humanidade diariamente (Batalha, s.d.).

Desde as primeiras formas de impressão, até às formas mais contemporâneas de escrita, mais concretamente o computador e o telemóvel, percebemos que é cada vez mais difícil uma definição precisa e única da escrita. A velocidade da introdução desses novos meios na sociedade nem sempre é acompanhada pela adaptação social e cultural das pessoas às mudanças. Isto origina muitas vezes conflitos de gerações, entre pais e

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

filhos e entre professores e alunos, pois percebemos que as novas gerações se inserem com maior facilidade nesta cultura modificada (Souza & Jr., 2001).

2.3 A importância da escrita em contexto escolar

“Mesmo que, habitualmente, a função central atribuída à escrita seja a de registo de informações, não se pode negar a sua relevância para a difusão de informações e a construção de conhecimentos” (Costa, 2001, p. 3).

Vivemos numa sociedade que valoriza muito a escrita e isso é visível pelo facto de toda a informação importante ter de ficar registada por escrito. De acordo com Carvalho, (2012), a escrita é uma das competências que a sociedade espera que seja desenvolvida na escola, de tal forma que a capacidade que os alunos revelam nesse domínio, constitui um dos fatores de avaliação da eficácia da escola, justificando assim o seu estatuto de conteúdo prioritário no ensino.

Aprende-se a escrever no ensino básico e aperfeiçoa-se esta competência durante todo o percurso escolar. Ler e escrever são, segundo Olson e Oatley (2014), duas aquisições úteis numa sociedade moderna e uma apresentação a um mundo que se organiza cada vez mais ao redor da leitura e da escrita. Comunicar por *e-mail* ou por SMS tornou-se num ato banal e bastante familiar (pp. 4-26). Apesar de se atribuir uma elevada importância à escrita, Olson e Oatley (2014) também sublinham que não se tem dado atenção suficiente à escrita como sendo uma tecnologia da comunicação e um instrumento de pensamento. Anderson (2014) realça este aspeto ao argumentar que a escrita não pode ser vista apenas como um programa curricular ou a preparação para um exame, ou a memorização de partes de um discurso (pp. 10-14).

A nível escolar, os novos Programas de Português do Ensino Básico, referem que a escrita é “o resultado, dotado de significado e conforme à gramática da língua, de um processo de fixação linguística que convoca o conhecimento do sistema de representação gráfica adoptado, bem como processos cognitivos e translinguísticos

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

complexos (planeamento, textualização, revisão, correcção e reformulação do texto), uma escrita correcta, multifuncional e tipologicamente diferenciada, numa relação com a língua que seja norteadada pelo rigor e pela exigência de correcção linguística”¹ (Exedra, 2012, p. 435). Ao lermos o Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico em vigor no ano letivo 2015/2016, deparamo-nos com os seguintes objetivos relacionados com a escrita:

- “Compreender a associação entre o código oral e o código escrito, apropriando-se das características deste último, de modo a redigir com correção linguística”.
 - “Desenvolver a capacidade de adequar formas de escrita a diferentes situações de comunicação e em contextos específicos, fazendo uso reflexivo das diversas modalidades da língua”.
 - “Produzir textos com objetivos críticos, pessoais e criativos.”
 - “Produzir textos escritos de diferentes categorias e géneros, conhecendo e mobilizando as diferentes etapas da produção textual: planificação, textualização e revisão”.
- (Buescu, Morais, Rocha & Magalhães, 2015, pp. 5-6)

Os objetivos acima mencionados fazem crer que o Ministério da Educação não ambiciona um ensino de escrita meramente mecânico no ensino básico. Defende-se a aprendizagem de várias formas de escrita, de uma escrita que se adapte a várias situações. Mas será que a realidade dos factos corresponde aos objetivos pretendidos?

Já Vigotski (1998, p. 139, como referido em Brito, s.d., p. 2) afirmava que não. O psicólogo defendia que “a escrita ocupava um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenhava no desenvolvimento cultural do aluno. Ensina-se as crianças a desenhar letras e a construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita”. Enfatiza-se a leitura como sendo um processo mecânico e desvanece-se a linguagem escrita. Ensinar a escrever deveria ir além do ensino da codificação e da descodificação e Frago (1993, p. 27, como referido em Brito, s.d., p. 2)

¹ A citação respeita a grafia original.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

sublinha esta ideia ao afirmar que “Alfabetizar não é só ler, escrever, falar sem uma prática cultural e comunicativa, uma política cultural determinada”. Nesta linha de pensamento, Carvalho, (2012) realça a importância que é dada à leitura referindo-se a esta como sendo o domínio privilegiado na aula de Português, quer enquanto objeto de ensino, quer enquanto meio de transmissão de conteúdos. O autor destaca o facto de a maioria das aulas incluir atividades de compreensão/interpretação de textos. Por outro lado, Carvalho aponta para o facto de a escrita raramente ser objeto de ensino /aprendizagem na aula de Português. É, sobretudo, encarada como forma de registo, sistematização e reorganização de aspetos relativos a outros domínios e, mesmo assim, com uma frequência relativamente reduzida. Quando se solicita a produção de textos, privilegia-se a imitação de modelos previamente lidos e não a reflexão sobre as componentes do processo de construção do texto. Para além das situações de avaliação, escreve-se na aula de Português para realizar atividades relacionadas com a leitura (responder a questões de interpretação ou resumir textos), para tomar apontamentos sobre conteúdos diversos, (como por exemplo sobre as características de diferentes tipos de texto), para realizar exercícios referentes ao funcionamento da língua (pp. 81-82).

Carvalho (2012) salienta a preferência de determinados tipos de texto em detrimento de outros, sendo a narrativa e a descrição, em conjunto ou de forma separada, as formas mais trabalhadas, primeiro na perspetiva da receção, normalmente de textos de natureza literária, e depois na da produção. Segundo o autor, esta produção está muitas vezes associada a situações em que se promove o uso da linguagem na sua função emotiva e o evocar da memória no sentido de transmitir vivências e sentimentos pessoais, isto é, vertentes como a do contexto de comunicação e, no seu âmbito, aspetos como o destinatário e a definição de objetivos assumem menor relevância. Por outro lado, os textos que têm um carácter mais utilitário são alvo de um tratamento diferente. Carvalho (2012) aponta o facto de a sua abordagem ser feita pontualmente, quase sempre num único momento no decorrer do ano letivo, poder ser interpretada como um reconhecimento de um estatuto de menoridade. Além disso, o seu tratamento é enquadrado numa única unidade letiva, na maioria dos casos designada “texto(s) utilitário(s) ou texto não literário, que funciona como contraponto ao texto literário” - ao qual é atribuído um estatuto maior e maior dedicação no decurso do período letivo (pp. 112-113). Observa-se também, segundo Carvalho (2012), que a aula de língua materna

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

ignora outros tipos de texto que, ao estarem relacionados com o quotidiano dos alunos, poderiam revelar-se de extrema utilidade, tanto no desenvolvimento de competências de escrita como pela finalidade que desempenham. O autor refere-se, mais precisamente, aos “textos produzidos em contexto escolar, no âmbito das diferentes disciplinas”, a fim de “facilitar a aquisição de conhecimento ou com o de tratar, explicitar, ou reformular o conhecimento adquirido, em momentos de avaliação formal ou noutros” (p. 113). Carvalho (2012) defende que a abordagem desses textos “iria ao encontro de algumas inovações curriculares que apontam no sentido do desenvolvimento de competências de estudo” (p. 113). O carácter real do contexto de produção e a evidência dos objetivos que estes textos permitem atingir também seriam favoráveis aos problemas inerentes à tarefa de escrita e à reflexão sobre ela, favorecendo a promoção de competências. O autor realça que o tratamento dos chamados “textos utilitários” centra-se sobretudo nos aspetos formais, em modelos, em produtos acabados, ignorando o processo de construção do texto e a análise dos fatores que determinam as características dos géneros. Este procedimento tem consequências para os alunos e a “apropriação das tipologias textuais, por parte dos alunos, reduz-se, com frequência, a um conhecimento de algo exterior” (Carvalho, 2012, p. 113) e objetivável. Se por um lado este conhecimento pode ser, eventualmente, reproduzido, por outro lado, não é suscetível de se transformar numa competência que possa sobressair em situações de uso.

O processo de alfabetização tem tentado acompanhar a evolução tecnológica da sociedade, mas a escola continua a privilegiar o uso descontextualizado e mecânico, não valorizando a escrita no contexto da sociedade. A finalidade da escrita é comunicar e os alunos contactam com diferentes práticas e usos da escrita, fora da sala de aula, nas quais eles participam direta ou indiretamente de forma natural. Neste sentido, Cagliari (1998, p. 354, como referido em Brito, s.d., p. 4) comenta que “desde os primeiros contactos com a escrita, o aluno ouve o professor dizer que o nosso sistema é alfabético e que isso significa que escrevemos uma letra para cada som falado nas palavras. O nosso sistema usa letras, às quais são atribuídos valores fonéticos. Mas o uso prático desse sistema não se reduz a uma transcrição fonética. Ou seja, o professor não deve só ensinar o aluno a escutar os sons da fala e a representá-las com letras na escrita”. Nesta linha de pensamento, McMullen e Alat (2002) estudaram concepções e práticas de

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

aprendizagem da escrita e concluíram que, de forma geral, os professores e educadores adotam uma de duas perspetivas: uma mais tradicional ou uma mais holística. A perspetiva mais tradicional encara a escrita como um conjunto de capacidades focadas na leitura e na escrita de produto. A perspetiva holística, mais atual, tem em conta os contextos sociais e culturais das práticas de escrita, defendendo que a sua aprendizagem deve ser centrada na construção de significados (pp. 46-66). Várias análises atuais da escrita confirmam a conclusão de McMullen e Alat. A abordagem conhecida como “whole language” é uma das práticas de aprendizagem, defendida por alguns professores, que requer uma perspetiva holística. Esta abordagem procura envolver os alunos na leitura de livros e na produção das suas próprias histórias desde o início da escolaridade. No entanto, há também quem defenda que deve ser dada prioridade ao desenvolvimento de determinadas competências antes da aprendizagem da escrita, isto é, a abordagem, tradicional, frequentemente denominada como “phonics ou skills instruction” que argumenta que os alunos devem concentrar-se primeiro nas relações individuais letra-som e, só depois, através da repetição e da prática, serão capazes de reconhecer palavras de forma precisa e correta (Pressley, 2003, como referido em Gaitas & Martins, s.d., p. 47). Estas perspetivas, que parecem contraditórias, acabam por coexistir, ou seja, os defensores da visão holística, também reconhecem a importância do ensino da correspondência letra-som na aprendizagem da linguagem escrita (Goodman, 1992, como referido em Gaitas & Martins, s.d., p. 47), mas num contexto holístico ou ensinada de forma isolada. Esta coexistência originou uma outra perspetiva que surgiu posteriormente com o nome “balanced approach”. Esta abordagem tanto valoriza a importância do ensino das correspondências grafo-fonológicas (phonics), como a importância das competências linguísticas estimuladas pelo envolvimento dos alunos na linguagem escrita numa perspetiva holística (whole language) (Chauveau & Chauveau, 2001; Guthrie, Schafer, & Huang, 2001; Pressley, 2006, como referido em Gaitas & Martins, s.d., p. 47).

O ensino tradicional da escrita sempre foi posterior ao ensino da leitura (Alves Martins & Niza, 1998, como referido em Gaitas & Martins, s.d., p. 47), ou seja, a aprendizagem da linguagem escrita não ia além da cópia de letras, palavras ou frases fornecidas como modelos, a que se seguiam os ditados tradicionais. Neste sentido, os autores realçam que sob a perspetiva tradicional, primeiro aprende-se a ler e depois a escrever, e sob a

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

perspetiva atual, promove-se o ensino da linguagem escrita a partir do seu uso em práticas de literacia culturalmente definidas. Na mesma linha de pensamento estão Baumann, Hoffman, Duffy-Hester e Ro (2000) quando referem que alguns professores introduzem a linguagem escrita unicamente através da análise fonémica.

A visão holística defende que educar significa “utilizar práticas pedagógicas que desenvolvam simultaneamente razão, sensação, sentimento e intuição e que estimulem a integração intercultural e a visão planetária das coisas, em nome da paz e unidade do mundo”. “Com a visão holística há uma preocupação em tornar a educação um sistema mais completo de desenvolvimento do ser humano, compreendendo a mudança de atitude deste em relação ao outro” (Juliano, s.d., p. 3). Morin (2002, p. 47, como referido em Juliano, s.d., p. 3) defende que a educação do futuro deverá centrar-se na condição humana através da explicação. Diz o autor que a explicação é necessária à compreensão intelectual ou objetiva. Nesta linha de raciocínio, Cardoso (1995, p. 47, como referido em Juliano, s.d., p. 4) acrescenta que ser holístico é saber respeitar as diferenças, identificando a unidade dialética das partes no plano da totalidade. A abordagem holística é essencialmente uma abertura incondicional e permanente para o novo. Segundo Morin (2009), a perspetiva holística defende um conhecimento em torno do homem, valorizando o seu dia-a-dia, a sua singularidade e o seu lado pessoal (p. 209). Os defensores da perspetiva holística acreditam que a perspetiva tradicional, ao contrário da holística, reduz a realidade do homem. Acreditam, também, que o sucesso da prática educativa com base na visão holística depende da ação e a interação das relações entre os indivíduos, a cultura e o contexto, promovendo-se, assim, “uma compreensão mais abrangente e adequada dos aspetos envolvidos na multidimensionalidade do processo educacional (Juliano, s.d., p. 4). Contudo, de acordo com Cardoso (1995, p. 89, como referido em Juliano, s.d., p. 5) embora o paradigma holístico não ofereça certezas ou segurança, “reafirma a potencialidade criativa do homem em construir um novo caminho na medida em que se caminha por ele”.

Berhens (s.d., como referido em Juliano, s.d., pp. 5-7) aponta várias características que definem uma abordagem educacional holística:

A ESCOLA deve ser um lugar que proporcione condições de um relacionamento entre as pessoas; onde o ensino acontece

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

com facilidade, sem complicações; que fornece um ensino competente; onde se constrói o saber; tem uma visão criativa e ousada; onde existe a participação: comunidade – professor – aluno – direção; que forma pessoas competentes; à qual todos devem ter acesso; onde o ambiente é agradável.

O ALUNO deve ter como prioridade a sua auto-estima; deve ser interessado, crítico, questionador, comprometido, autónomo; tolerante, contextualizador, participativo; com liberdade de escolha; que respeite às individualidades; aberto às mudanças; deve ser encorajado a estar atento, indagar, explorar, procurar o significado e testar os limites.

O PROFESSOR deve agir como um facilitador da aprendizagem; deve ter autonomia e ser sensível para que possa suprir as necessidades dos alunos; deve procurar a transformação pessoal; deve trabalhar em conjunto; estar recetivo às mudanças; ter um relacionamento harmonioso; deve ser dinâmico e criativo; agir como um bom terapeuta e desenvolver bons relacionamentos; respeitar a autonomia do aluno; o verdadeiro professor intui o nível de disposição, em seguida avalia, questiona, conduz e proporciona tempo para assimilação, e se houver necessidade recua.

METODOLOGIA A abordagem holística propõe uma metodologia transpessoal – mais humana e rigorosa nos conhecimentos; A interdisciplinaridade; A busca da construção do conhecimento; Um método dialético, dinâmico e criativo; Baseada nas experiências; Uso da tecnologia apropriada; Utilização das artes; Uma reflexão silenciosa; Método da resolução dos conflitos; A continuidade dos conhecimentos em lugar de matérias; A procura pela natureza do aprendizado em vez de métodos de instrução; Dar ênfase no aprender-aprender; Empenho pela educação total do cérebro. (Juliano, s.d.)

Posto isto, as práticas dos professores não devem reger-se apenas pelos conhecimentos que adquirem nas instituições académicas, devem incluir também as experiências que

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

vivenciam no dia-a-dia. Romanowski (2007, como referido em Souza, 2009) classifica estas práticas como tradicional, tecnicista, escola nova e sociocultural.

A prática Tradicional concentra-se na transmissão do conhecimento pelo professor, o qual deve ser assimilado pelos alunos. O professor seleciona os conteúdos que, geralmente, pouco ou nada têm a ver com o dia-a-dia dos alunos. As aulas deste professor são expositivas e pede-se ao aluno que memorize os conteúdos. A avaliação efetuada pelos professores que praticam esta abordagem é rigorosa e centrada na reprodução dos conteúdos. “No ensino tradicional o professor geralmente é autoritário e prefere que os alunos permaneçam em silêncio para que o “dono” do conhecimento (professor) encha os recipientes vazios (alunos)” Romanowski (2007, como referido em Souza, 2009, para. 19).

A prática Tecnicista valoriza mais a técnica aplicada ao ensino. É uma abordagem mais focada no mercado de trabalho, isto é, a prioridade do professor é desenvolver competências que preparem o aluno a participar no mercado de trabalho através “do domínio da disciplina ensinada, o conhecimento de técnicas para direcionar as atividades didáticas e os procedimentos de diagnóstico, assim como a solução de problemas da aprendizagem” Romanowski (2007, como referido em Souza, 2009, para. 20).

A prática Escola Nova procura promover a aprendizagem dos alunos de modo ativo. O professor funciona como mediador, para promover essa aprendizagem, e também como um facilitador, enquanto o aluno passa a ser o centro do processo escolar. Há um intercâmbio de experiências, entre aluno e professor, e o próprio professor é considerado um aprendiz Romanowski (2007, como referido em Souza, 2009, para. 23).

A prática Sociocultural procura contribuir para a mudança da sociedade e considera a prática docente como uma reflexão para reconstruir ou transformar a sociedade Romanowski (2007, como referido em Souza, 2009, para. 26).

De acordo com Freire (1996, apud Romanowski, 2007, como referido em Souza, 2009, para. 27), as mudanças culturais não ocorrem isoladamente. Independentemente da perspetiva que o professor escolher, é importante que o docente “tenha consciência do

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

que faz, porque o faz e como o faz”; que o docente estabeleça o confronto de como era a situação, como está a ser desenvolvida e como pode reconstruir para fazer coisas diferentes das que sempre fez”.

Continuando na mesma linha de raciocínio, Mata (2008, como referido em Cunha, 2011, p. 54), diz que o educador deve propor aos seus alunos atividades de interação com a linguagem escrita, através da disponibilização de materiais de escrita e de leitura na sala e do incentivo à sua exploração. As estratégias e atividades específicas a desenvolver deverão ter como finalidade facilitar a apropriação da funcionalidade da linguagem escrita. O autor acrescenta que ao explorarem, as crianças vão-se apercebendo de que os suportes de escrita e respetivos conteúdos variam consoante a função que servem. Para que haja esta apropriação é essencial que as crianças vejam frequentemente outras pessoas a ler e a escrever, com objetivos claros, e é fundamental que participem nessas atividades com regularidade. Mais do que ensinar os alunos a imitar modelos, importa dotá-los de instrumentos que lhes permitam escrever textos adequados às diversas circunstâncias em que são produzidos. Compete aos professores, a partir da análise do nível de expressão de cada um dos seus alunos, selecionar os aspetos a desenvolver nas suas aulas tendo em vista a evolução da capacidade de expressão escrita dos jovens que frequentam a escola (Carvalho, 2012, p. 92). A escola, em contexto de sala de aula, deveria possibilitar ao aluno a vivência com diferentes textos e explicar as diferentes funções e utilizações de cada um numa sociedade tecnológica e erudita.

Finley (2000, como referido em Santos, 2007, p. 136) aponta as reformas educativas, e as imposições de carácter político, como a grande influência nas concepções dos professores e nas mudanças que essas concepções possam vir a sofrer. Conclusão semelhante têm outros autores que também defendem que “as reformas educativas nem sempre são pacíficas de acontecer pois têm complexas implicações ao nível da forma como os professores pensam sobre o processo de ensino/aprendizagem que necessitam de algum tempo para serem pensadas, digeridas e adaptadas às experiências passadas dos professores” (Lin et al. 1998; Ling, 2003; Einarsdóttir, 2003; Nuttall, 2003); Ryan, 2004, como referido em Santos, 2007, p. 136).

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Um estudo realizado por Abbott-Chapman et al (2001, como referido em Santos, 2007, pp. 136-137) revela dados interessantes sobre as mudanças nas concepções dos professores. Este estudo, segundo Santos (2007) teve como objetivo “determinar semelhanças e diferenças no estilo de ensino, nos comportamentos na sala e nas reações à mudança de um grupo de professores que vivenciou durante uma década alterações significativas em termos de políticas e práticas educativas. As conclusões desse mesmo estudo remetem-nos para o facto de que, “independentemente das circunstâncias sociais, políticas e económicas, os professores persistem em manter a qualidade do ensino, centrando-se nas necessidades dos alunos” (p. 137). As principais preocupações dos professores são a interação e a relação entre professor e aluno na sala de aula, o que demonstra a sua orientação humanística e afetiva em relação ao ensino” (p.137). O mesmo estudo também conclui que alguns professores começaram a adotar uma perspectiva binária em relação ao ensino, isto é, “uma visão centrada nos alunos combinada com estratégias centradas na matéria, onde o ensino negociado com o aluno e o ensino dirigido pelo docente andam de mãos dadas” (Santos, 2007, p. 137). Contudo, o mesmo estudo sugere que há também professores que apresentam um alto índice de resiliência ou resistência à mudança e em vez de produzirem verdadeiras alterações nas suas concepções sobre o ensino, adotam algumas estratégias praticadas por alguns colegas. De acordo com Santos (2001), aquilo que o professor espera dos alunos e do processo de ensino vai-se moldando e adaptando à realidade da prática letiva. Às vezes, essa adaptação parece ser mais passiva ou pacífica, mas outras vezes a resistência à mudança cria barreiras e “dificulta o relacionamento fluído entre os diversos elementos que intervêm no processo de ensino” (Santos, 2007, pp. 136-138).

Por outro lado, e segundo Souza & Jr. (2001), verifica-se também que hoje a figura do professor como autoridade está a enfraquecer. O acesso à informação já não depende tanto da ajuda do professor e diversifica-se através das novas tecnologias. Perante esta diminuição de autoridade, a reação do professor é, muitas vezes, desautorizar em sala de aula outras formas de saber que reivindicam a presença de novas habilidades sensoriais e cognitivas. Neste sentido, o professor nem sempre se apercebe da transformação dos processos de escrita e de produção de conhecimento que apontam para um redimensionamento da cultura e da subjetividade. (Martín-Barbero, 2000; Martín-Barbero & Rey, 2001, como referido em Souza & Jr., 2001, para. 34).

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

No entanto, também é importante que os alunos entendam que não se deve escrever como se fala e, para isso, é preciso alertar para a importância dos padrões da escrita. “As regras ortográficas, a natureza da ortografia, devem ser socializadas com os alunos, a fim de permitir a compreensão da natureza das relações entre fala e escrita” (Cagliari, 1998, como referido em Brito, s.d. p. 4). A escola deveria ser mais participativa ao dar a conhecer os vários tipos de escrita que existem, sem, no entanto desprezar a sua função de fornecer aos alunos “ a capacidade de utilizarem, oralmente e por escrito, passiva e ativamente, os recursos linguísticos, fazendo um uso sustentado do português padrão nos diferentes contextos discursivos e sociais em que é utilizado” (Buescu, Morais, Rocha, & Magalhães, 2015, p. 28).

É indubitável que hoje a aprendizagem e a comunicação tende a ser cada vez mais móvel. De acordo com Averianova (2012), a relação entre os utilizadores de novas tecnologias e as instituições de ensino está a atravessar mudanças fundamentais. É cada vez mais difícil para a escola ignorar a velocidade do mundo exterior e o facto de os SMS serem o modo preferencial de interação, por parte dos jovens. No entanto, Averianova (2012) sublinha que a escola continua a debater-se contra esta forma de comunicação dos alunos e que o telemóvel, e tudo o que o rodeia, continua a ser excluído da educação formal.

Os fatores que contribuem para a resistência à presença do telemóvel em contexto académico são o linguístico, que está relacionado com a escrita dos SMS, e o pedagógico, que está relacionado com o uso inapropriado do telemóvel em ambiente académico, nomeadamente permitirem a batota nos exames.

Com os SMS, os jovens escrevem e leem mais do que nunca (Goldberg, 2010, como referido em Averianova, 2012, p. 18). Ao partilharem as experiências diárias com os amigos, os jovens apresentam uma maior diversidade na escrita produzida nos SMS, em comparação com a escrita produzida nos trabalhos escolares. Contudo, Averianova (2011) refere que os educadores argumentam que a quantidade não significa qualidade, uma vez que toda a escrita dos SMS é caracterizada por uma forte presença de abreviaturas, *emotions* e uma frequente negligência de regras ortográficas e de pontuação. Os que se opõem à escrita dos SMS argumentam que essa escrita infiltra-se na escrita académica, o que resulta numa falta de competências na diferenciação dos

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

dois contextos (Averianova, 2009, como referido em Averianova, 2012, p. 18). Contrariando esta preocupação, Grabill (2012, como referido em Averianova, 2012, p. 18) observou que a maioria dos estudantes utiliza diferentes linguagens para diferentes audiências, o que indica uma capacidade extraordinária de gestão da escrita. Taylor & Harper (2010, como referido em Averianova, 2012, p. 18) acrescentam que quando os jovens comunicam por escrito com adultos têm uma maior preocupação em rever e corrigir o que escreveram.

Para Souza & Jr. (2001), assiste-se, hoje, na sala de aula a um conflito entre gerações. De um lado, o professor, com a sua formação académica e os seus modos particulares de ensinar a escrita; do outro lado, o aluno, que representa a geração digital e toda a cultura que daí advém. Essa distância que mede as relações de alunos e professores com a escrita é um obstáculo que por vezes dificulta a partilha de experiências entre professores e alunos. É necessário que a escola enfrente e questione a profunda reorganização que ocorre neste momento na escrita. A escola tem de ter em consideração a pluralidade e a heterogeneidade de textos que circulam entre os alunos, mais concretamente.

2.4 A escrita e as novas tecnologias

“O que aconteceu com a expressão escrita é uma coisa curiosa. Ela parecia agonizante. Eis que surge a internet, e-mail, o blog, o twitter, e a escrita recupera-se do estado agônico de modo inesperado e espetacular. Quem insiste em prescindir dela está fora do mundo. Nem é preciso que pais, ou professores, venham a incentivar os alunos. O aparato tecnológico que os cerca fala por si”. (Toledo, s.d., como referido em Bernardino, 2013, p. 1)

A partir do século XX, a comunicação ganhou uma nova dimensão com a chegada das chamadas novas tecnologias. Echeburúa (2009, p. 45) classifica as novas tecnologias como “uma gama variada de instrumentos, ferramentas, canais e suportes dedicados

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

essencialmente ao uso, manuseamento, apresentação, comunicação, armazenamento e recuperação de informação, tanto analógica como digital”. As novas tecnologias provocaram uma mudança na vida das pessoas e no funcionamento das sociedades. Elas facilitam o acesso à informação, facilitam a comunicação com outras pessoas e permitem o acesso imediato à informação (Echeburúa, 2009, p. 46), mas também ameaçam os defensores da manutenção da escrita tradicional que argumentam que, para escrever, basta papel e caneta. Mas até o papel e a caneta já foram, um dia, novas tecnologias, o que reflete os impactos culturais provocados pelo fim de um tipo de escrita e pelo estabelecimento de um novo. A questão é que qualquer escrita é tecnologia, seja ela qual for. Falar é humano, escrever é artificial. Por isso precisamos de algo externo a nós para escrever. Pode ser uma pena, um lápis, uma caneta tinteiro ou uma caneta esferográfica. Ou um teclado. A grafia é uma tecnologia de comunicação, criada e desenvolvida na sociedade humana e consiste, basicamente, em registar marcas num suporte (Grinberg, 2011).

A invenção do telemóvel, em 1973, por Martin Cooper, mudou totalmente o modo de comunicar e de escrever da sociedade atual (Infopédia, 2013). No espaço de 40 anos, a tecnologia alterou a forma de trabalhar, a forma de nos relacionarmos com os outros e a forma de ocupar os tempos livres. Essa mudança é sobretudo visível entre os mais jovens, que já nasceram com as novas tecnologias. O jovem contemporâneo, mergulhado num universo dominado pelas tecnologias digitais, vive uma transformação cultural que alterou a forma de produção e apropriação dos saberes. Não se pode ignorar que as mudanças trazidas pelo fenómeno da Internet e dos telemóveis se refletem nas práticas de escrita (Koziel, 2015). Nesse contexto, há uma preocupação com a escrita dos adolescentes. Consta-se que, de um lado, estão os que reconhecem uma crise da leitura e da literatura com uma possível “morte do livro”, uma vez que os novos suportes digitais estarão a apoderar-se da escrita tradicional. Por outro lado, há os que vislumbram novos horizontes para a escrita na interação com os suportes digitais. Será que os jovens escrevem pior com as novas tecnologias? Será que os jovens escrevem menos com as novas tecnologias? De acordo com Clark e Dugdale (2011), o telemóvel não alterou o comportamento de escrita dos jovens. Os jovens gostam de sentir que a escrita não é uma ação mecânica e confessam que o uso das novas tecnologias é

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

benéfico para a escrita que realizam, uma vez que com o telemóvel ou com o computador, eles escrevem com mais entusiasmo (Clark e Dugdale, 2011).

Ao analisarmos as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas, verificamos que elas estão extremamente ligadas à evolução das tecnologias e da Internet. As mudanças comportamentais moldadas pelo ambiente virtual revelam o nascimento de uma nova cultura: a cibercultura. Cibercultura é um termo utilizado para designar a relação da sociedade com os meios de comunicação digitais. Lévy (1999, p. 17, como referido em Koziel, 2015, p. 17) refere que “temos que ensinar os nossos filhos a nadar, flutuar, talvez navegar neste “dilúvio informacional””. Temos de aprender a adaptar-nos a este fenómeno cibercultural. Santaella (2005, p. 6, como referido em Koziel, 2015, p. 17) destaca a inclusão de aparelhos sem fio na caracterização do ciberespaço, na medida em que esses aparelhos permitem a conexão e troca de informações. Para Lemos (2004, *apud* Lemos, 2010, p. 22, como referido em Koziel, 2015, p. 17), a cibercultura refere-se ao “conjunto tecnocultural emergente no final do século XX impulsionado pela sociabilidade pós-moderna em sinergia com a microinformática e o surgimento das redes telemáticas mundiais”. O autor sublinha que “é uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação. Assim, são criadas novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social”. O autor afirma que esse conjunto de tecnologias e de processos sociais ditam hoje o ritmo das transformações sociais, culturais e políticas desse início de século XXI. (Lemos, 2004, *apud* Lemos, 2010, como referido em Koziel, 2015, p. 17).

O aparecimento de novos suportes no século XX, como o telemóvel, permitiu novos tipos de escrita que antes eram impossíveis e contribuiu para que a escrita se tornasse num meio de comunicação mais informal, rápido e barato. O formato transportável do telemóvel também proporcionou uma comunicação escrita rápida e em tempo real. É nesta linha de pensamento que Carvalho (2012) refere que o desenvolvimento tecnológico tem possibilitado o aparecimento e a generalização de novas formas de comunicação por escrito que se revestem de um grau de autenticidade maior do que aquela que existe na produção escrita que normalmente ocorre na sala de aula. Esta maior autenticidade, possibilitando a descoberta de novos sentidos para o ato de

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

escrever, pode constituir um fator de motivação para o uso da escrita, quer em contexto pedagógico, quer para além dele. Fey (1997, como referido em Carvalho, 2012, p. 146) sublinha as potencialidades das redes que permitem a comunicação em tempo real, para além dos limites da sala de aula, tornando possível a aproximação de pessoas que, de outra forma, não teriam hipóteses de se encontrar. Os atuais recursos comunicacionais, segundo Lévy (2010) propiciam a pessoas que não se conhecem a possibilidade de trabalharem em conjunto em prol de algum projeto em comum (p. 12). Essas práticas de escrita têm elevadas potencialidades no que toca à promoção de competências, “até porque possibilitam a tomada da consciência da necessidade de adequação a diferentes contextos de comunicação” Fey (1997, como referido em Carvalho, 2012, p. 146). Sendo assim, a comunicação através de meios eletrónicos funciona como um meio de revalorização do uso da linguagem escrita numa época em que se assiste a uma crescente perda da sua importância devido ao desenvolvimento de novas tecnologias e ao crescente predomínio da imagem enquanto veículo de comunicação. Atribui-se uma maior importância à escrita na comunicação por *e-mail* ou na participação em grupos de discussão e em *chats* na Internet que registam adesão cada vez mais acentuada nos nossos dias. Esta comunicação através de meios eletrónicos apresenta características muito próprias que se refletem na linguagem utilizada. De acordo com Carvalho (2012), “algumas dessas características contrastam até, em certos aspetos, com as que são normalmente apresentadas como próprias do contexto em que a comunicação escrita decorre mais frequentemente” (p. 146). O escrevente tem de produzir o texto de forma autónoma, sem recorrer às pistas dadas na comunicação oral, ou seja, a estrutura do texto produzido deve possibilitar a sua leitura num outro contexto e sem a presença do seu autor. Em simultâneo, a estrutura do texto tem de permitir que ele funcione de forma autónoma no momento da receção, “dependendo esta autonomia da explicitação da informação necessária à sua compreensão pelo destinatário. A comunicação por escrito em tempo real, que o computador torna possível, é apenas espacialmente diferida. Assim, não podemos falar de produção autónoma, dado que o interlocutor pode fornecer pistas para a geração do conteúdo, nem do funcionamento autónomo do texto no momento da sua leitura. O seu grau de explicitação pode ser, portanto, menor. Ele é, forçosamente, menor, dado que o escrevente está pressionado em termos de tempo, tendo assim que escrever rapidamente e de forma condensada. Isto traduz-se numa

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

linguagem elíptica, abreviada, frequentemente icónica, e com uma ortografia própria que podemos encontrar nos chats de conversação. O seu uso pressupõe uma competência específica baseada no domínio das regras próprias deste contexto de comunicação” (Carvalho, 2012, pp. 146-147). O autor questiona “até que ponto o recurso frequente a esta escrita em tempo real, com as suas características muito próprias, pode interferir nas competências normalmente implicadas na comunicação escrita”. Contudo, a existência de pouquíssimos estudos nesta área não permite ainda formular uma respostas para esta questão (Carvalho, 2012, p. 147).

2.5A escrita nos SMS

A escrita nos SMS tem características diferentes consoante quem a pratica e não é usada de forma uniforme. Escalões etários, grupos sociais ou profissões adotam formas de escrita que os diferenciam, caracterizam e identificam como elementos pertencentes de um determinado grupo, adaptando essas formas de escrita aos destinatários e às circunstâncias. Só quem é familiar ao grupo consegue decifrar a escrita aí produzida. A utilização do nível da escrita depende de fatores geográficos, etários, situacionais, socioeconómicos, profissionais e culturais, ou seja, os adolescentes produzem uma linguagem diferente da dos adultos e, por exemplo, os surfistas produzem uma linguagem escrita diferente da dos médicos. Também a terminologia que os falantes do Porto utilizam é diferente da que é utilizada pelos falantes de Beja (Mazzer, 2011).

A escrita nos SMS pode ter uma linguagem cuidada, comum, familiar ou popular. Em seguida, apresentam-se as características dos diferentes tipos de escrita que se conhece, segundo Mazzer (2011):

- Escrita com linguagem cuidada

A escrita com uma linguagem cuidada utiliza um vocabulário técnico, científico e literário. É um tipo de escrita menos usual e mais elaborado.

- Escrita com linguagem comum

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

A escrita com uma linguagem comum utiliza o vocabulário da língua padrão. Permite a comunicação e a compreensão entre todos os sujeitos falantes, através de um sistema de signos e de regras próprias, independentemente da cultura que possuam.

- Escrita com linguagem familiar

A escrita com uma linguagem familiar utiliza um vocabulário simples e informal. Contudo, não se diferencia muito da linguagem comum.

- Escrita com linguagem popular

A escrita com uma linguagem popular utiliza um vocabulário muito simples que se desvia da norma ou padrão. Os regionalismos de um país, com os seus registos próprios, e os diferentes tipos sociais que usam a gíria² e o calão³ caracterizam este tipo de escrita. É, talvez, o tipo de escrita mais encontrado nos SMS enviados por adolescentes (2011).

A gíria torna a comunicação mais clara e eficaz para os elementos pertencentes a um grupo específico que pratica ideias e práticas semelhantes. Reduz palavras para abreviaturas e a abreviação facilita a comunicação entre os elementos de um determinado grupo, poupando tempo e energia. Os membros de um grupo também podem utilizar a gíria para se distanciarem de outras pessoas. O calão, ao contrário da

² Gíria – Linguagem própria de certos grupos sociais, de certas profissões que usam um vocabulário próprio, geralmente com a finalidade de não serem compreendidos por indivíduos estranhos ao seu grupo (Mazzer, 2011).

³ Calão – O calão é um tipo de gíria própria de grupos sociais mais marginais, onde a ação educativa dificilmente penetra: trata-se de uma linguagem grosseira e muitas vezes obscena. No entanto, certas palavras entram a pouco e pouco na linguagem familiar, sobretudo entre os jovens. São frequentes palavras ou expressões como gajo, chatear, pifo, tesó, etc... (Mazzer, 2011).

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

gíria, não promove necessariamente a eficácia da comunicação. Cria novas palavras e os falantes sabem quando e porquê devem usá-las. Serve, por exemplo, para desafiar a autoridade e inferiorizar os padrões do discurso. É bastante comum entre os estudantes e outros grupos específicos, como por exemplo os militares (Jay, 2003, p. 460). O autor acrescenta ainda que o calão é, todavia, considerado um marco social e contribui para a identidade de um indivíduo ou de um grupo (Jay, 2003, p. 461).

Existe uma desconfiança por parte dos educadores de que as novas tecnologias diminuem as capacidades de *spelling* e de pontuação (Forrester, 1996, p.166). No entanto, ter um telemóvel ou enviar SMS não altera a forma como se escreve na escola desde que os jovens compreendam as diferentes formas de escrever apropriadas para cada ocasião. Ao comparar exames escritos de há 25 anos, Massey (2005) descobriu que hoje os jovens têm mais tendência para usar uma linguagem mais informal e encurtar as palavras, mas, por outro lado, utilizam frases mais complexas, um vocabulário mais vasto, um uso mais correto da pontuação e dão menos erros ortográficos. Além disso, a atual geração consegue digitar muito mais depressa do que qualquer outra geração anterior. A escrita por SMS incentiva mais os jovens de ambos os sexos a escrever e a gostarem de escrever. Para os jovens, escrever é uma atividade que requer confiança e que precisa de ser bastante praticada de forma privada, no seio do seu grupo singular (Clark & Dugdale, 2009). No entanto, constata-se que na escrita dos SMS encontra-se muitas vezes a ambiguidade fonética, quando um grafema representa vários fonemas, e a ambiguidade grafémica, quando vários grafemas representam um mesmo fonema. O fonema /ch/ é muitas vezes representado pela grafia x e o fonema /q/ é muitas vezes representado pela grafia k. “axar” e “kerer” são exemplos de grafias incorretas que se podem ler com frequência em SMS enviados por alunos dos 2.º e 3.º ciclos. A substituição de letras que têm o mesmo som, mas que ocupam menos espaço são prática constante nos SMS. Os jovens dizem “Não usamos esta linguagem apenas para conversarmos sem sermos entendidos. Fazemo-lo, sobretudo, para encurtarmos as palavras. Usando símbolos ou abreviaturas conversamos muito mais rapidamente. Além disso, no telemóvel conseguimos não gastar tanto dinheiro em mensagens” (Cristina, 2011).

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

A escrita por SMS, além de partilhar as características da fala, como o facto de ser menos elaborada e economizar palavras, também incorpora imagens que transmitem ideias e emoções. Estas imagens, *emotions* ou *smiles*, representam os sentimentos que são sempre mais difíceis de descrever por palavras (Miguel, s.d., pp. 97-202).



Figura 1 - Representação de alguns *smiles* utilizados nos SMS

2.6 Adolescência

"Nós rejeitamos a ideia comum de que a adolescência é exclusivamente uma preparação para a vida adulta... os adolescentes são pessoas com qualidades e características específicas, que têm um papel interventivo e responsável a desempenhar, tarefas a realizar e capacidades a desenvolver, num momento particular da vida" (Srinthall e Collins, 1999, como referido em Juvêncio, s.d.).

"Quando descobrimos que estamos sós, verdadeiramente sozinhos, o mais frequente é entrarmos em pânico. Atiramo-nos para o extremo oposto e misturamo-nos em grupos - clubes, equipas, sociedades, categorias. De repente começamo-nos a vestir exatamente como os outros: é a melhor maneira de se ser invisível. O modo como se cosem os remendos nas blue jeans torna-se fundamental. Se não sabemos fazer isso, então está-se de fora. E deve-se estar dentro. Esta frase é gira, não

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

acham? Estar dentro. Dentro de quê? Do grupo. Com os outros. Todos juntos. Salvos pelo número. Eu não sou eu. Sou um ás do basquetebol. Um rapaz popular. Sou o amigo dos meus amigos. Sou um blusão negro numa Honda. Faço parte. Sou um jovem. Não podem ver-me, só conseguem ver-nos. Estamos safos" (Le Guin, 2007, como referido em s.a., s.d.).

A palavra adolescente deriva do latim “adolescere” e significa “crescer”. Indica um período de mudanças. Diz respeito ao período de vida entre a infância e a fase adulta, em que o indivíduo já não é uma criança, mas ainda não é um adulto (Kimmel, 1995). “É uma fase marcada por importantes alterações, nomeadamente biológicas, que resultam do despertar do metabolismo endócrino a que se associam modificações corporais, tais como: aceleração da velocidade de crescimento, mudanças das características sexuais, entre outras. É considerado um período de crise/mudança, situando-se entre dois polos importantes: Dependência (proteção) e Independência (autonomia), caracterizando-se por contradições, confusões, ambivalências, conflitos com os pais e com a função parental, e de procura de identidade e autonomia” (Correia e Alves, 1990, como referido em Silva, 2001, p. 40). O início da adolescência é por muitos discutido e não existe um consenso. Segundo Cordeiro (1997, como referido em Silva, 2001, p. 40), este período vai desde os 10 anos aos 19 anos, para outros o início começa aos 11 anos e finaliza com a entrada no mercado de trabalho. De uma forma mais geral, o início desta fase tende a ser caracterizado pela idade em que ocorrem transformações hormonais, mas o seu fim é definido com a idade social da pessoa, ou seja, a sua maturidade (Schlegel & Barry, 1991). Existe uma tendência para generalizar esta fase, o que não é correto. Segundo Cordeiro (1997, como referido em Silva, 2001, p. 41), “existem tantas adolescências como adolescentes e a generalização pode conduzir a uma estandardização perigosa, definindo todos os adolescentes como um só. Contudo, há características biopsicossociais que todos os adolescentes partilham”. Durante a adolescência existem fases emocionais e intelectuais pelas quais um ser humano tem de passar até atingir a idade adulta e que se podem dividir em três estádios: inicial, média e tardia.

Dos 11 aos 14 anos há o estádio da adolescência inicial, em que ocorrem alterações maioritariamente a nível hormonal. Preocupações relacionadas com a aparência,

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

autoestima e ao facto de não se pertencer a um grupo, leva a que muitas vezes o adolescente se afaste dos adultos e os amigos começam a ter uma maior importância. “A adesão a um grupo deixa todas as possibilidades de escolha, que normalmente são interditas pela família, uma vez que não se escolhe os pais, enquanto se pode escolher um grupo ou um amigo segundo as próprias preferências” (Ouillon e Origlia, 1974, como referido em Silva, 2001, p. 51). “Para o adolescente a adesão a um grupo representa a adaptação a uma organização coletiva do tipo da que se encontra constantemente em toda a sociedade humana. Após um longo período de imaturidade, dependência e proteção familiar, prepara-se agora para a autonomia” (Fleming, 1993, como referido em Silva, 2001, p. 52).

Dos 15 aos 16 anos há o estágio da adolescência médias, em que o indivíduo começa a aprender a pensar em si mesmo e a tomar as suas decisões, criando os seus próprios valores.

Entre os 17 e os 18 anos surge o terceiro e último estágio da adolescência em que as preocupações estão mais relacionadas com a independência financeira ou emocional. Nesta fase, o adolescente está quase pronto para se tornar um adulto independente e autoconfiante (Fenwick e Smith, 1993, como referido em Silva, 2001, p. 42). No entanto, as raparigas tendem, geralmente, a serem mais precoces no processo de maturidade do que os rapazes. De acordo com (Correia e Alves, 1990, como referido em Silva, 2001, p. 42), “o desenvolvimento da personalidade exige que a relação com o meio seja reestruturada, sendo a atitude da família muito importante”.

A adolescência tem sofrido, ao longo do tempo e com as grandes revoluções sociais, “novas influências, adquirindo novas perspetivas, sem contudo perder as suas características gerais” (Ramos de Almeida, 1987, como referido em Silva, 2001, p. 43). O autor refere ainda que “nas sociedades tradicionais os adolescentes não se afirmavam como um grupo independente e o ritual era coordenado pela hierarquia social, mas nas sociedades modernas o ritual é imposto pelos adolescentes, que tomam a iniciativa, surgindo uma nova perspetiva de valores morais e sociais, nomeadamente: o dinheiro, o que representa, o modo como é utilizado; a independência e os meios de transporte; ocupação de tempos livres e a música; a vida social, a habitação, o estudo e o trabalho; o casamento e a fecundidade; a mortalidade;

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

a participação política, a religião” (Ramos de Almeida, 1987, como referido em Silva, 2001, p. 43). Foi interessante observar, através deste estudo, que a escrita está incluída nesta nova perspectiva de valores. Os adolescentes utilizam uma linguagem nos SMS que vai contra a opinião da hierarquia social, como veremos mais adiante.

Cada sociedade constrói as expectativas de comportamento dos adolescentes. Estas expectativas são condicionadas pelos valores instituídos pelas diferentes classes sociais dentro de cada sociedade (Fleming, 1993, como referido em Silva, 2001, p. 52). Todas as gerações definem as suas práticas de modo a darem resposta às suas necessidades particulares (Fleming, 1993, como referido em Silva, 2001, p. 52).

2.6.1 A escrita dos adolescentes

A escrita é uma competência geralmente adquirida na escola, como visto anteriormente. É um processo com várias etapas e requer um meio para a sua produção – utensílio ou teclado, convenções dos meios de comunicação - fonte, pontuação e símbolos, um plano para expor o texto num formato apropriado e a revisão do texto (Jay, 2003, pp. 232-233). A revisão consiste num movimento de retrocesso que é realizado para avaliar a adequação do texto ao objetivo a que se propôs (Humes, 1983, como referido em Carvalho, 2012, p. 48). É definida por Flower e Hayes (1981, como referido em Carvalho, 2012, p. 48) como o processo durante o qual o escrevente opta por ler o que foi escrito previamente, com a intenção de avaliar o texto para possivelmente alterá-lo ou como ponto de partida para uma nova fase de redação. Os dois autores consideram que a revisão envolve dois subprocessos, a avaliação e a reformulação, e alertam para o facto de se tratar de um processo que embora seja conscientemente ativado, também pode ser, por vezes, despoletado inconscientemente. Outros autores analisam a revisão em termos de fases. Para Fayol e Schneuwly (1987, como referido em Carvalho, 2012, p. 48), o processo da revisão integra três fases: a deteção do erro, a identificação da sua natureza e a correção. Assim, a revisão não se deve circunscrever a uma simples releitura do texto, não deve ser um mero ato de reparação de problemas, nem algo que ocorre apenas após a conclusão da redação do texto. Pelo contrário, ela pode ocorrer em qualquer momento do processo de escrita, dando, eventualmente, origem a novos ciclos

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

de planificação e redação. Pode mesmo ocorrer antes de o próprio processo de redação se iniciar, incidindo sobre um texto planeado mentalmente, sem estar ainda materializado no papel.

Os textos escritos produzidos pelos adolescentes nem sempre são sujeitos a uma revisão ou, quando o são, a revisão é superficial. Esta ideia é reforçada por vários autores que referem que há diferenças entre a revisão feita pelos sujeitos que desenvolveram plenamente a capacidade de escrever e a que é normalmente realizada pelos escreventes em desenvolvimento, na sua maioria crianças e adolescentes. Essas diferenças são notórias nos diferentes subprocessos cognitivos envolvidos no processo de revisão: representação da tarefa, avaliação, representação dos problemas, deteção, diagnóstico, seleção de estratégias de correção (Hayes, Flower, Schriver, Stratman & Carey, 1987, como referido em Carvalho, 2012, p. 49). Nesta linha de pensamento, Yagelsky (1995, como referido em Carvalho, 2012, p. 49), refere que a revisão feita pelos adultos é muito mais global do que a feita pelos escreventes em desenvolvimento - crianças e adolescentes -, cujo carácter é muito mais concreto e pontual. Nestes, a revisão limita-se essencialmente à correção de erros de natureza ortográfica que compõem a estrutura superficial do texto (Humes, 1983, Matshuashi & Gordon, 1989, como referido em Carvalho, 2012, p. 49). A revisão a níveis mais profundos implica uma capacidade que as crianças e os adolescentes ainda não desenvolveram completamente, ou seja, a capacidade de construção de certas representações mentais inerentes à operação (Bereiter & Scardamalia, 1987, como referido em Carvalho, 2012, p. 50). Rever exige a comparação entre o texto existente, materializado no papel ou construído mentalmente, e o texto pretendido, a colocação na posição do destinatário, tudo isto a um nível abstrato. Os escreventes em desenvolvimento têm dificuldade em colocar-se na posição do outro, devido à sua natureza individualista (Bartlett, 1982; Fayol & Schneuwly, 1987; Fitzgerald, 1987, como referido em Carvalho, 2012, p. 50). Scardamalia e Bereiter (1983, como referido em Carvalho, 2012, p. 50) acrescentam que as crianças e os adolescentes estão tão concentradas na produção do texto, canalizando para elas todos os recursos cognitivos disponíveis, que raramente reveem. Além disso, não dispõem dos conhecimentos de carácter retórico e da capacidade mental exigida pelas tarefas inerentes à revisão. Embora demonstrem alguma capacidade para detetarem problemas, os escreventes em desenvolvimento não conseguem identificar as causas dos

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

erros detetados e seleccionar uma estratégia de correção (Carvalho, 2012, pp. 46-50). Um estudo realizado por Carvalho (1999 como referido em Carvalho, 2012, pp. 50-57), que pretendia dar conta dos processos de produção e revisão do texto realizados por alunos dos quintos e nono anos de escolaridade concluiu que os alunos do 9.º ano realizam, em média, mais dois ciclos de revisão em cada texto do que os alunos do 5.º ano, o que poderá estar associado ao facto de os textos produzidos pelos alunos do nono ano de escolaridade serem normalmente mais longos que os escritos pelos sujeitos que integravam a turma do quinto ano (Carvalho, 2012, pp. 56-57). O mesmo estudo revelou haver alguma dificuldade em efetuar movimentos de revisão, o que é característico dos escreventes em desenvolvimento, como já foi mencionado anteriormente (Carvalho, 2012, p. 66).

Vygotsky (1979, p. 186, como referido em Carvalho, 2012, p. 39), já dizia que "a comunicação por escrito repousa sobre o significado formal das palavras e, para transmitir a mesma ideia, exige uma quantidade de palavras muito maior do que a comunicação oral. Dirige-se a um interlocutor ausente que raramente tem presente no espírito o mesmo sujeito que quem escreve. Por conseguinte, terá que ser um discurso completamente desenvolvido...". De acordo com Carvalho (2012), "o contacto emissor/leitor estabelece-se apenas pela palavra, sem recurso a todo um conjunto de elementos (entoação, expressões faciais, gestos, etc) que na comunicação oral veiculam a mensagem para além da palavra" (p. 39). Este aspeto é também realçado por Byrne (1988, como referido em Carvalho, p. 39) quando diz que a comunicação escrita depende muito mais dos recursos linguísticos e que, à medida que o texto vai sendo produzido, também o contexto vai sendo criado, ao ser explicitado. Comunicar por escrito é, pois, uma tarefa com um certo grau de complexidade e apresenta alguns problemas aos escreventes em idade escolar. O autor aponta como causas desses problemas o afastamento do contexto, da realidade a que o texto se refere e a sua projeção num espaço ideal sem a sua vivência; e a capacidade de abstração que o ato de escrever exige, o que faz com que o indivíduo só esteja apto a explorar todas as potencialidades do texto escrito quando o seu pensamento atinge a fase formal, em que as operações lógicas são transpostas do plano da manipulação concreta para o plano da não atividade. Por isso, a tomada de consciência de uma situação de comunicação em que o interlocutor está ausente e noutro contexto situacional é determinante para a

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

produção correta e adequada de um texto escrito. Daí, grande parte dos alunos das escolas apresentar muitas dificuldades na expressão escrita, uma vez que ainda não tiveram essa tomada de consciência e das suas implicações. Para muitos alunos, segundo Carvalho (2012) «escrever não é mais do que transformar os sons da fala em símbolos gráficos, falar e escrever não são vistos como tipos de linguagem diferentes, com funções, estruturas e padrões organizacionais próprios. Por isso, nos seus textos abundam os coloquialismos, por isso, nós dizemos frequentemente: - "escrevem como falam"» (pp. 39-40).

O grande volume de informação que recebemos chega-nos através da imagem e a linguagem verbal é usada apenas como apoio. A linguagem escrita é usada com frequência apenas para transcrever a oralidade: é o que acontece, por exemplo, com as legendas dos filmes. A troca de mensagens SMS, cada vez mais habituais nos dias que correm, ao assentarem num novo contexto em que a comunicação por escrito deixa de ser temporalmente diferida, implica o uso de uma linguagem com características próprias, diferentes das que a norma consagra (Carvalho, 2012, p. 76).

Com o aumento de proprietários de telemóvel, aumentou também o envio de SMS. Tilley (2009, p. 40-42) refere que durante o ano de 2008 foram enviados mais de 2,5 biliões de SMS no mundo inteiro, o que dá uma média de 400 mensagens por pessoa. A autora refere também que os envios de SMS desempenham um papel cada vez mais importante na vida dos adolescentes. Um estudo realizado em 2009, por Clark e Dugdale, com 3001 jovens de Inglaterra e da Escócia (1446 rapazes e 1528 raparigas) de idades compreendidas entre os 8 e os 16 anos (a maioria tinha 12 e 13 anos), revelou que 75% dos participantes escrevem com regularidade num formato baseado nas novas tecnologias e que 82% dos jovens possuíam um telemóvel. Os resultados indicaram que as raparigas revelaram gostar mais de escrever do que os rapazes e que o destinatário preferencial dos SMS enviados por ambos os sexos são os amigos ou a família. Porém, as raparigas utilizam muito os SMS com os colegas para realizarem trabalhos escolares. As raparigas admitiram escrever melhor que os rapazes e o principal motivo indicado foi o facto de utilizarem a pontuação correta e de não darem erros ortográficos. Para os rapazes, escrever é algo que tem de ser feito e não algo que as pessoas gostem de fazer, ou seja, é mais uma obrigação do que outra coisa.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

A comunicação desempenha várias funções ao longo da vida de um ser humano. Na infância é sinónimo de descoberta, na fase adulta é sinónimo de sucesso profissional e de sociabilidade, na velhice é sinónimo de lembranças e de sabedoria e, na adolescência, é sinónimo de integração e aceitação. A chegada da adolescência implica que a comunicação passe do estágio afetivo puro para o estágio verbal. O adolescente sente a necessidade de uma evolução nos modos e nos assuntos de comunicação. Necessita de uma comunicação de novo tipo, assente essencialmente numa necessidade natural de autonomia (Fillioud, 1981). Nesta fase tão importante, em que se continua a construir a identidade do ser humano como indivíduo, o pudor ou a timidez encontram um antídoto no telemóvel, o qual permite a expressão à distância (Fillioud, 1981).

As convenções sociais e as normas de como agir em sociedade são o produto das comunidades de utilizadores da linguagem. As pessoas que se identificam como membros de um mesmo grupo adquirem formas comuns de verem o mundo através da interação com outros membros do mesmo grupo, e as instituições como a família ou a escola reforçam essa visão. Valores, atitudes e crenças em comum refletem-se no modo como os membros do grupo escolhem dizer, ou não dizer, e como o dizem (Kramsch, 1998, p. 6). Isto diz respeito não só às características gramaticais, lexicais e fonológicas da sua linguagem, como por exemplo a gíria dos adolescentes ou a gíria profissional, como já foi referido anteriormente, mas também com o estilo e a apresentação (Kramsch, 1998, p.7). Halliday (1978, p. 182) realça este aspeto ao falar sobre um fenómeno chamado anti-linguagem que define uma estrutura social alternativa com atributos adicionais de linguagens secretas. A anti-linguagem é uma “relexicalização”, ou seja, substitui velhas palavras por novas. Contudo, esta “relexicalização” não é total mas sim parcial; quer isto dizer que nem todas as palavras têm um equivalente na anti-linguagem. Embora Halliday (1978, pp. 164-182) se refira principalmente a grupos marginais e anti-sociais que usam a anti-linguagem como forma de protesto contra a sociedade, talvez seja pertinente relacionar a anti-linguagem com a linguagem escrita por SMS dos adolescentes, uma vez que os adolescentes são membros de um grupo que utilizam um determinado tipo de linguagem para comunicarem entre si, para se distanciarem de outros grupos ou para se sentirem superiores. Estão ligados através de uma organização social e comunicam de forma semelhante (Halliday, 1978, p. 154). Os adolescentes escolhem amigos que partilham os

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

seus interesses, valores, crenças e atitudes e a comunicação exerce um papel fundamental nas suas vidas, principalmente através do telemóvel (Fillioud, 1981).

Hoje, os adolescentes, mas também qualquer outro utilizador habitual de *chats*, do *Messenger*, do *e-mail* ou dos SMS tendem a usar palavras e símbolos que só os seus utilizadores conseguem decifrar. O modo como os adolescentes escrevem nas mensagens de texto enviadas por telemóvel é responsabilizada muitas vezes pelo declínio das práticas de literacia. A introdução das tecnologias de informação, como por exemplo o telemóvel, preocupa os educadores. Mas será que se escreve pior? (Neves, 2015).

A ideia de que a língua está em decadência e de que os jovens escrevem mal é tão antiga como a própria escrita (Neves, 2015). O autor refere que nunca houve um momento na história em que se atribuisse aos jovens um progresso no desenvolvimento das suas competências da escrita. “Na cabeça de muita gente, a linguagem dos jovens vai sempre de mal a pior”. Neves (2015) realça este aspeto ao afirmar que “se a língua estivesse em decadência desde o tempo dos sumérios, hoje em dia já ninguém saberia dizer uma só palavra”.

A escrita revolucionou a comunicação e a sociedade desde muito cedo. Durante o século IV a.C., com o desenvolvimento dos sistemas de escrita, já alguns retóricos gregos estavam preocupados com o facto de a introdução da escrita, e a sua eventual propagação e popularidade, poder diminuir a capacidade de aprendizagem das mnemónicas complexas que existiam na altura para auxiliar a memória. (Forrester, 1996, p. 166).

Este receio pela inovação remonta ao período 427-347 a.C., quando Sócrates, através do seu discípulo mais famoso, Platão, cria um mito sobre a invenção da escrita – O mito de Thoth. No livro Fedro, Platão narra que o antigo deus egípcio Thoth, inventor de muitas ciências e técnicas, apresentou a arte da escrita ao rei Tamuz, afirmando com segurança a necessidade de difundi-la entre as pessoas (Lamy, 2016, para. 2). As palavras trocadas no diálogo foram as abaixo mencionadas:

“ - "Eis, oh Rei, uma arte que tornará os egípcios mais sábios e os ajudará a fortalecer a memória, pois com a escrita descobri o remédio para a memória".

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

- Oh Thoth, mestre incomparável, uma coisa é inventar uma arte, outra é julgar os benefícios ou prejuízos que dela advirão para os outros! Tu, neste momento e como inventor da escrita, esperas dela, e com entusiasmo, todo o contrário do que ela pode vir a fazer! Ela tornará os homens mais esquecidos, pois que, sabendo escrever, deixarão de exercitar a memória, confiando apenas nas escrituras, e só se lembrarão de um assunto por força de motivos exteriores, por meio de sinais, e não dos assuntos em si mesmos. Por isso, não inventaste um remédio para a memória, mas sim para a rememoração. Quanto à transmissão do ensino, transmites aos teus alunos, não a sabedoria, pois passarão a receber uma grande soma de informações sem a respetiva educação! Hão de parecer homens de saber, embora não passem de ignorantes em muitas matérias e tornar-se-ão, por consequência, sábios imaginários, em vez de sábios verdadeiros”.
(Platão, 1994, p. 121, como referido em Souza & Jr., 2001, para. 10)

Assim, o desenvolvimento da escrita iria, seguramente, criar todo um novo conjunto de problemas e significaria a perda das competências sofisticadas relacionadas com a memória (Forrester, 1996, p. 167). A escrita marcou uma primeira e grande separação entre o homem, a sua memória e os modos anteriores de criar conhecimento. A memória natural seria substituída pela memória artificial.

Hoje, em Inglaterra também há quem defenda que a língua está em declínio e que os alunos escrevem cada vez pior. Questiona-se, por exemplo, se os jovens estão cada vez mais preguiçosos para escrever (Greene, 2015).

Mas será que, e citando Neves (2015), “temos um vocabulário mais pobre do que antigamente?”. Neste contexto, o autor sublinha o facto de “essa ideia se ter tornado tão óbvia que poucas pessoas a questionam. Se o comum dos mortais de hoje em dia usa menos palavras do que Eça ou Camilo ou ainda Shakespeare, isso só pode querer dizer que usamos muito menos palavras do que antigamente. Não é assim?”. O autor defende que “devemos usar esses génios para ler e para aprender, mas que não devemos concluir que hoje usamos menos palavras porque não usamos tantas como os melhores escritores do passado. Afinal, os verdadeiros génios da língua são os que conseguem usar as palavras como mais ninguém.

Outra das provas muito usadas de que o vocabulário está em declínio é o facto de haver palavras nos bons livros de antigamente que hoje já ninguém usa. Não acontecerá

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

exatamente o contrário? Não haverá palavras de hoje em dia que antigamente ninguém conhecia — porque nem sequer existiam? A era digital construiu muitas palavras novas. É óbvio que um vocabulário extenso é bom e necessário — e ajuda em quase tudo. Mas será assim tão óbvio que os jovens de hoje conhecem menos palavras do que os jovens de antigamente que raramente iam à escola?”. Neves continua, dizendo que “hoje escreve-se e fala-se muito mais do que antigamente. A vida social dos nossos dias assim o exige. As posições inverteram-se e a população da cidade que antigamente era a minoria, hoje é a grande maioria. Não há dúvida que quem lê muito e conversa mais tem um maior e mais rico vocabulário do que quem não lê, mas isso não valida a teoria que hoje se escreve menos e pior que antigamente. Também há quem usa muitas palavras diferentes em diferentes situações”. O autor argumenta que “o segredo está em usar a palavra certa no momento certo — não está em variar o vocabulário à força, só para fugir às críticas de quem desespera por não viver rodeado de Shakespeares. Os adolescentes parecem dizer apenas e só monossílabos quando falam com alguns adultos — mas quando comunicam com os amigos introduzem muitas palavras novas e desconhecidas” (Neves, 2015). É uma nova literacia que emerge para a geração digital.

2.7 A escrita digital

Turner (2010) apelida de “Digitalk” a nova literacia para a geração digital. Esta nova linguagem que os adolescentes utilizam nas comunicações escritas com as novas tecnologias não é melhor ou pior do que a linguagem escrita realizada com papel e caneta, é apenas diferente. Uma linguagem diferente utilizada em vários contextos.

Escrever como se fala é, como já pudemos constatar, uma das características da escrita digital. O “internetês” - neologismo para designar a linguagem utilizada no meio virtual é uma linguagem que surgiu no meio virtual e que tem como base a simplificação da escrita num registo informal. Esta linguagem consiste numa codificação que utiliza abreviaturas, símbolos e imagens com o intuito de simplificar a escrita (Cristina, 2011). Nesta linha de raciocínio, Carvalho (2012, p. 17) refere que o acentuado desenvolvimento tecnológico que se tem verificado ao longo das últimas décadas tem

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

alterado a vida do homem em todas as suas dimensões. Um dos aspetos que caracteriza esse desenvolvimento é o da crescente importância que a imagem tem vindo a adquirir, como já foi referido anteriormente. Atualmente, a informação chega, essencialmente, pela imagem, sendo um exemplo disso os meios de difusão de informação. Já Castro & Sousa (1996, como referido em Carvalho, 2012, p. 18) afirmava que um grande número de crianças e adolescentes parece preferir um tipo de texto, a banda desenhada, em que o maior volume de informação é veiculado pela imagem e em que a linguagem verbal é sobretudo utilizada para transcrever o que as personagens dizem, traduzindo-se num discurso com evidentes marcas de oralidade.

Além da imagem, também as abreviaturas caracterizam a escrita digital. De acordo com Machado (como referido em Cristina, 2011, para. 4), as abreviaturas não são um fenómeno da escrita digital. Elas são utilizadas há muito tempo, até para designar instituições”. E dá exemplos: “É comum falarmos em UNESCO, ONU, UE, em vez de usarmos a sua designação completa”. Convém lembrar que na Idade Média se usavam mais abreviaturas do que hoje”, refere o linguista. “A aprendizagem da escrita depende da memória visual. Muita gente escreve uma palavra quando quer lembrar a sua grafia. Se bombardearmos as pessoas com diferentes grafias, sobretudo as crianças ou os jovens ainda em formação, estamos a criar-lhes dúvidas - e, possivelmente, muitos até aprenderão a escrever de forma errada”, como afirma Martins (como referido em Cristina, 2011, para. 5) que vê com desconfiança o uso desta linguagem. Contudo, o investigador encontra neste tipo de comunicação uma vantagem: “Pessoas de diferentes países e de diferentes culturas conseguem entender-se, transformando-se os códigos em linguagem universal” (Cristina, 2011, para. 5).

Este tipo de escrita está de tal forma banalizado pelas gerações mais novas que existe já um “Dicionário da Linguagem da Internet e do Telemóvel”. Criado em 2003 por Benedito, professora reformada do ensino secundário e autora de vários livros sobre a língua e a Internet, nele se esclarecem os significados dos vários símbolos. A autora deste dicionário diz que “as mensagens são cada vez mais curtas e ilustradas com carinhas (*smiles* e *emotions*) para serem tão expressivas quanto o sentimento e o desejo que as anima” (Cristina, 2011, para. 5) - **Figura 2**.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Dicionário de “internetês”	
Smile/emotion	Significado
:)	alegre
:(triste
:'(a chorar
:8)	porquinho
:P	língua de fora
:S	duhh
*****	Beijos
(.)(.)	boazona, mamas
(^-^)	está lá
:'-?)	chorar de alegria
^ F^	feliz
B-)	feliz e de óculos
):-):-):-)	gargalhada ruidosa e grosseira
:-)	Ah ah
I-)	eh eh
:->	Ei ei
I-D	Oh oh
: -))))	muito feliz
(hmmm) ooo...:-)	pensamentos felizes
^*_*^	Retribuir sorriso
(^-^)/? ?	rir e dizer adeus com um lenço
:-D	rir muito
(^-^)	rir, a conter o nervosismo
\V/	saudação vulcânica
")	sorriso
\$	dinheiro, riqueza, massa e afins
@ t	Escrevo-te um mail
+/-	mais ou menos
+ trd	mais tarde
1mnt	um minuto
1mmt	um momento
2	tu
6	cinema
7D	semana

Figura 2 - Representação de alguns símbolos, e respetivos significados, que se podem encontrar no dicionário de "internetês"

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Os jovens são fãs desta linguagem simplificada e defendem-na argumentando que ao usarem “símbolos ou abreviaturas conversam muito mais rapidamente” e que não gastam tanto dinheiro com as mensagens (Cristina, 2011). Os adultos também já começam a escrever “internetês”, talvez influenciados pelos filhos. Com o “internetês”, o emissor escreve poucas letras e símbolos e não se preocupa muito com a construção de frases. Por outro lado, o recetor recebe rapidamente a mensagem e não está muito tempo à espera. Talvez seja por isso que esta linguagem alcançou tanto sucesso entre o público mais jovem (Cristina, 2011, para. 32).

Para os que nasceram antes da era digital é-lhes difícil perceber o sucesso alcançado entre o público mais jovem desta nova literacia e entender o seu significado. “Deve-se ouvir e aprender com os jovens, e não excluí-los. Para construir uma cultura na qual o passado seja útil, não coativo, devemos localizar o futuro entre nós como algo que está aqui pronto para que o ajudemos e o protejamos antes que nasça, porque, do contrário, será demasiado tarde” (Mead *apud* Martín-Barbero, 2000, p. 105, como referido em Souza & Jr., 2001, para. 22),

A revolução tecnológica coloca-nos perante o desafio de compreendermos que estamos diante da emergência de uma outra cultura. Esta outra cultura exige que nos adaptemos “aos modos de ver, de ler, de pensar e de aprender” (Souza & Jr., 2001, para. 19).

Já na década de 1970, se defendia a necessidade de se trabalhar em críticas construtivas e compreensivas sobre os conflitos de gerações (Martín-Barbero, 2000, como referido em Souza & Jr., 2001, para. 21). É necessário que se enfrente o medo da mudança e da inovação de forma a “alcançarmos uma compreensão histórica e cultural da nossa inserção como sujeitos sociais no contexto da revolução eletrónica” (Souza & Jr., 2001, para. 21). Neste sentido, Piscitelli (1994, como referido em Souza & Jr., 2001, para. 42) realça que a geração digital revela “uma forte empatia com o idioma das novas tecnologias e que crescentemente gosta mais de escrever no computador do que no papel. Empatia que se apoia numa plasticidade neuronal (Piscitelli, 1994) que dota os adolescentes de uma enorme capacidade de absorção de informação, seja via televisão ou em videogames, e de uma quase natural facilidade de entrar e manipular a complexidade das redes informáticas. Frente à distância com que grande parte dos

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

adultos sente e resiste a essa nova cultura - que desvaloriza e torna obsoletos muitos de seus saberes e habilidades -, os jovens respondem com uma intimidade feita não só da facilidade para relacionar-se com as tecnologias audiovisuais e informáticas, mas da cumplicidade cognitiva e expressiva: é nos relatos e imagens, nas suas sonoridades, fragmentações e velocidades que encontram o seu ritmo, o seu idioma”. É necessário que as gerações anteriores à era digital aprendam com os mais jovens “que a tecnologia pode ser vivida como uma experiência lúdica” (Flusser, 1998, como referido em Souza & Jr., 2001, para. 44).

2.8 A relação dos adolescentes com o telemóvel e os SMS

Em pouco mais de 20 anos de existência, o telemóvel tornou-se num meio de comunicação indispensável entre a população mais jovem. Alguns adolescentes demonstram uma paixão desmedida pelas novas tecnologias e um desejo de adquirirem a última novidade tecnológica. É uma dependência tal que a Fundação Gaudium⁴ organizou em novembro de 2008 o Simpósio Internacional sobre a Adição às Novas Tecnologias por parte dos Adolescentes, de modo a analisar e a debater a possível dependência dos jovens às novas tecnologias. A dependência dos telemóveis é uma das características que marca atualmente a nossa sociedade.

De acordo com Sofowora (2011, como referido em Gaspar, 2014, p. 13), a taxa da utilização do telemóvel é sempre elevada entre os jovens, sendo que os telemóveis são facilitadores de comunicação interpessoal e podem promover as relações sociais. A timidez pode ser ultrapassada e encorajar palavras que, presencialmente, seriam difíceis de dizer (Vykoukalova, 2007, como referido em Gaspar, 2014, p. 13). Ainda nesta linha de raciocínio, Muñoz (2009), refere que a comunicação escrita por telemóvel está relacionada com uma melhor socialização, uma vez que desempenha o papel de facilitador das relações interpessoais. Para o autor, o telemóvel permite o contacto

⁴ A Fundação Gaudium foi constituída em 1997 com o objetivo de fomentar a investigação e a prevenção das dependências sem químicos.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

permanente com os outros, dando a sensação de proximidade, e promove o sentimento de pertença a um grupo.

O telemóvel é o dispositivo de comunicação mais importante nas vidas quotidianas dos jovens (Vykoukalova, 2007, como referido em Gaspar, 2014, p. 18) e a forma de comunicação eletrónica mais popular entre os alunos (Sofowora, 2011, como referido em Gaspar, 2014, p. 18).

Os SMS são, segundo Vykoukalova (2007, como referido em Gaspar, 2014, p. 19) uma forma tranquila e simples de manter contacto com o seu círculo social, sem o conhecimento dos pais. A autora realça ainda que os SMS podem invocar sentimentos positivos, de incentivo ou encorajamento, e também diminuir a sensação de solidão.

2.8.1. Alguns dados sobre o uso do telemóvel

A análise de um estudo levado a cabo por Espanha e Lapa (2009) denominado “E-generation: os usos de media pelas crianças e jovens em Portugal” concluiu que «seis em cada dez alunos nunca desligam os telemóveis quando estão na escola. 74 % apenas o fazem porque o telemóvel “só lhe é útil se estiver constantemente ligado”. Não ter o dispositivo consigo ou mantê-lo desligado é algo que, para 54 % dos inquiridos, causa muita ansiedade. Com base nos resultados desse estudo, a necessidade de se manterem contactáveis leva a que 21 % dos jovens não desligue ou tire o som do telemóvel em situação alguma, nem quando estão em cerimónias, missas, consultas ou em tratamentos médicos. A análise dos resultados do inquérito, que abordou 1353 crianças e jovens até aos 18 anos, revelou ainda que a maioria dos inquiridos recebeu um telemóvel quando completou 11 anos e que raros são aqueles que ainda não possuem um. Quem já carrega consigo um telemóvel diz que em média faz mais de três telefonemas por dia e envia 26 SMS. Contudo, e ainda de acordo com o mesmo inquérito, há quem chegue às 80 chamadas diárias e ao envio de 99 SMS. Os destinatários das mensagens são quase sempre os amigos (77%) e quase metade dos inquiridos assume que utiliza os SMS para namorar. Há ainda quem diga que já utiliza as mensagens escritas para seduzir alguém e quem aceite encontros amorosos através do mesmo sistema.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Um outro estudo realizado por Brito (2008), a 207 alunos dos 6.º e 10.º anos de escolaridade também revelou que existe uma ligação afetiva muito forte entre os adolescentes e os telemóveis. Segundo este estudo, os jovens enviam uma média de 236 SMS por semana, têm mais de 125 registos na lista contactos e já tiveram, aos 16 anos, em média, mais de três telemóveis. A maioria dos alunos do 6.º ano (93,3%) afirmou ter um telemóvel, enquanto no grupo dos do 10.º ano todos possuíam telemóvel. Por outro lado, a maioria dos alunos de ambos os grupos já possuía telemóvel há muito tempo: 69% dos pré-adolescentes tinha começado a usar antes do ano de 2006, enquanto os adolescentes já os usavam antes de 2002.

Quanto ao número de telemóveis, o estudo revelou que 36,5% dos alunos do 6.º ano de escolaridade já tinham tido mais de três telemóveis. O mesmo acontecia a 77% dos adolescentes.

O mesmo estudo também revelou que os alunos do 6.º ano enviavam uma média de 84,2 SMS por semana e que os alunos do 10.º ano o número atingia os 235 SMS por semana.

Uma diferença que é justificada pelo número de contactos de cada grupo.

Segundo dados da Anacom (Autoridade Nacional de Comunicações), 2015, a penetração do serviço móvel ascendia a 157,5 por 100 habitantes no final do 3.º trimestre de 2014. Os utilizadores do serviço de mensagens escritas enviaram menos 12,2 por cento de mensagens face ao terceiro trimestre de 2013. O número médio mensal de mensagens enviadas por utilizador deste serviço foi de 267, contra 314 enviadas no terceiro trimestre de 2013, o que representa cerca de 9 mensagens por dia. O aparecimento de formas de comunicação alternativas, nomeadamente o Whatsapp, tem provocado uma redução no número de envio de SMS nos últimos trimestres.

Para além do acesso à Internet (*browsing*), as principais atividades associadas a este tipo de serviços são a participação em redes sociais, o envio de mensagens instantâneas (*instant messaging*) e SMS, a utilização do correio eletrónico e a realização de chamadas (VoIP) – **Gráfico 1**.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

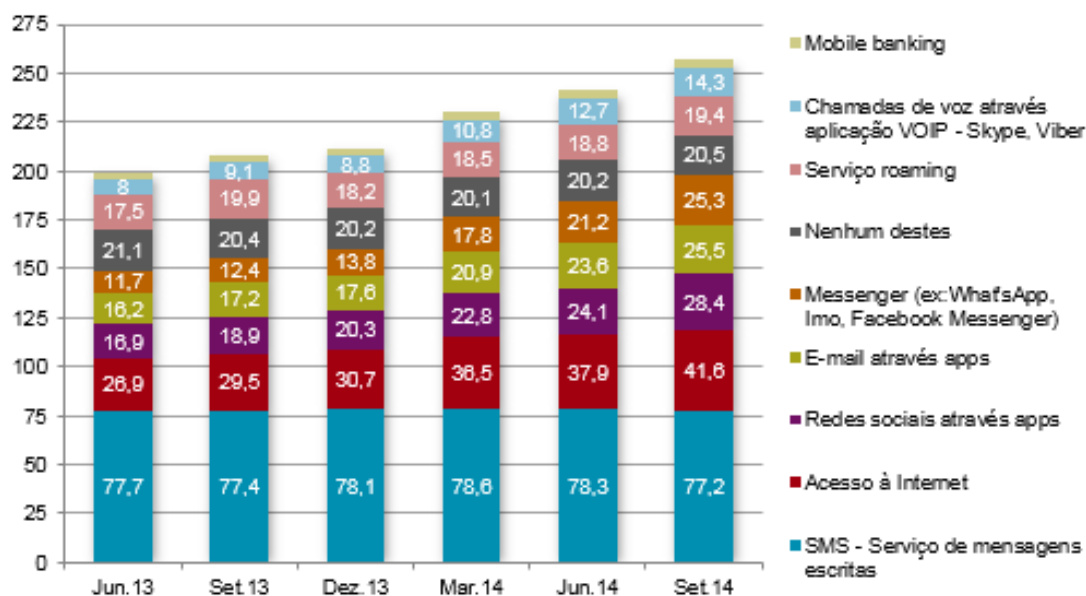


Gráfico 1 - Nível de utilização de outros serviços no telemóvel – 2014.

Ainda segundo os dados da Anacom (2015), foram enviadas no terceiro trimestre de 2014 cerca de 6 mil milhões de mensagens escritas (-0,3% face ao registado no último trimestre e -12,2% em comparação com o mesmo período do ano anterior). O valor correspondente ao período em análise encontra-se abaixo do limite inferior do intervalo de previsão resultante da tendência histórica e do efeito sazonal estimado. O número de mensagens escritas apresentou uma redução pelo quarto trimestre consecutivo, registando neste trimestre o valor mais baixo desde o final de 2008 – **Gráfico 2**.

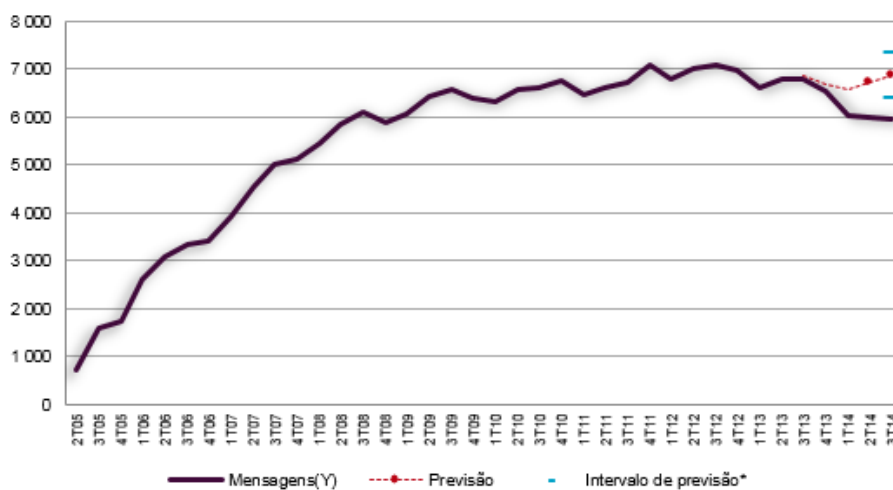


Gráfico 2 - Evolução do tráfego de mensagens escritas (SMS).

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

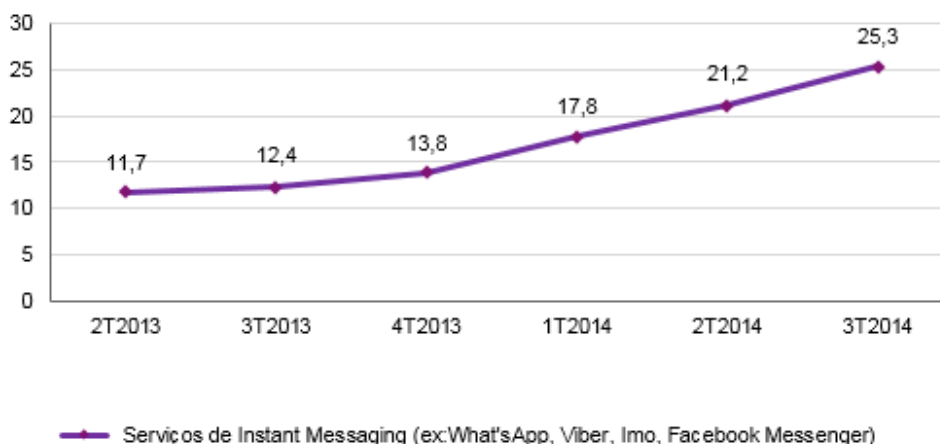


Gráfico 3 – Evolução da percentagem de utilizadores, indivíduos com 10 ou mais anos com telemóvel, que utilizam serviços de *instant messaging* – 2013/2014.

Dados mais recentes da Anacom, de 2016, revelam a tendência de descida no envio de SMS. Os dados dizem que os utilizadores do serviço de mensagens escritas em 2015 menos 11,2 por cento de mensagens, face a 2014, uma queda superior à redução média dos últimos anos (-5,6 por cento). O ano de 2015 registou uma descida no número de mensagens escritas enviadas na ordem dos 11,2 por cento, uma queda superior à redução média dos últimos anos (-5,6 por cento) – **Gráfico 4**.

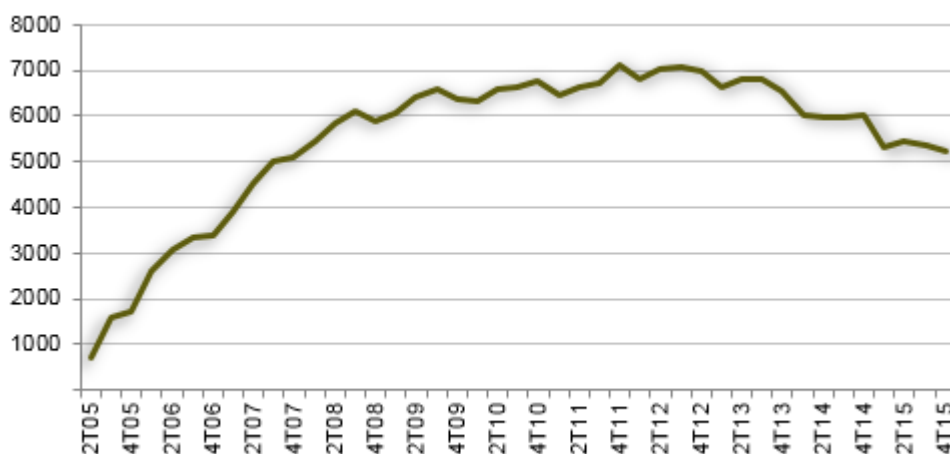


Gráfico 4 – Tráfego de mensagens escritas, sendo a unidade em milhões de mensagens.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Segundo a Anacom (2016), o decréscimo do tráfego de mensagens escritas que se tem vindo a registar nos últimos anos deve-se, sobretudo, ao aparecimento de formas de comunicação alternativas baseados na Internet – **Gráfico 5**. Da mesma forma, os novos tarifários de serviços de voz podem estar a contribuir para a redução da utilização de SMS.

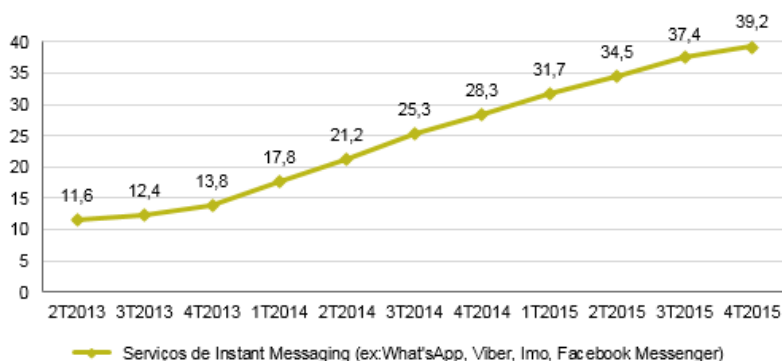


Gráfico 5 – Evolução da percentagem de utilizadores de telemóvel que utilizam serviços de *instant messaging* 2013/2015.

Até ao 2.º trimestre de 2005, registou-se uma média mensal de cerca de 20 SMS por assinante. Este valor alterou-se a partir desta data, tendo crescido de forma significativa nos períodos seguintes. Em 2007, a média mensal de SMS por assinante ultrapassou a centena de SMS e no 3.º trimestre de 2012, o número de SMS mensal por assinante atingiu o máximo (322 SMS). Desde então, o total de mensagens enviadas tem vindo a diminuir tendo atingido no final de 2015, o valor mais baixo desde 2010 – **Gráfico 6**.

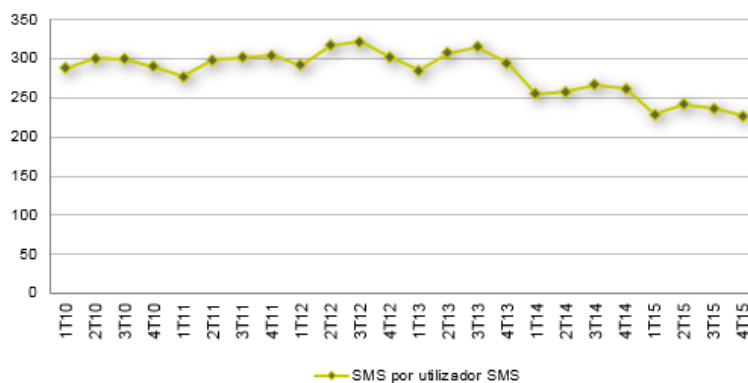


Gráfico 6 - Evolução trimestral do n.º de SMS por mês.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Em Portugal, segundo dados do INE (Instituto Nacional de Estatística) de 2012, a utilização de telemóvel intensificou-se entre 2007 e 2008 em mais de 11%, passando de 73,3% para 84,6%. A consulta a esses dados revelou que 93% dos jovens portugueses entre os 10 e os 15 anos usam telemóvel, não sendo esse, no entanto, o meio das Tecnologias de Informação e Comunicação mais utilizado. 98% desses jovens utilizam o computador e 95% acedem à Internet. Em 2008, e de acordo também com o INE, 97% dos indivíduos com idade entre os 10 e os 15 anos utilizavam computador, 93% acediam à Internet e 85% utilizavam telemóvel, o que mostra um aumento do uso do telemóvel nesta faixa etária. O INE também refere que as chamadas de voz (95,2%) e a troca de mensagens escritas (96,1%) constituem as principais finalidades da utilização do telemóvel pelos jovens desta faixa etária.

Os dados do INE revelam também que 94,7% dos jovens inquiridos entre os 10 e os 15 anos são do sexo feminino, enquanto 90,4% são do género masculino.

A realidade fora de Portugal é semelhante. Um estudo de Labrador e Villadangos (2010), sobre a adição dos jovens e adolescentes, realizado com 1710 estudantes na cidade de Madrid, revela que o uso dos telemóveis está relacionado com a idade. 29,65% dos jovens com 12 anos usam sempre o telemóvel, os de 13 anos somam 46,28%, os de 14 anos contam com 61,89%, os de 15 anos são 62,21%, os de 16 anos são 70,41% e os de 17 anos somam 78,33%. Quanto mais idade tem o jovem, mais frequente é o uso do telemóvel (Echeburúa, 2009, p. 60). Um dos aspetos negativos do telemóvel indicado pelos jovens é o gasto económico que ele acarreta (Echeburúa, 2009, p. 137). No entanto, já se referiu anteriormente que o envio dos SMS é economicamente atrativo e bastante utilizado pelos adolescentes.

Num outro estudo, realizado por Sofowora (2011, como referido em Gaspar, 2014, p. 19), relatórios estatísticos sobre a taxa de utilização de telemóveis entre os jovens variam entre diferentes países e nações. No Reino Unido, em 2001, a taxa de jovens na faixa etária de 19 anos a utilizar telemóvel era de 90%, em Itália, onde 56% das crianças entre as idades de 9 e 10 anos usavam telemóvel e na Noruega, onde 80% dos jovens na faixa etária de 13 e 20 anos tinham telemóvel próprio.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Segundo os resultados de outro estudo levado a efeito por Lenhart (2012), na Organização ⁵Pew Internet & American Life Project, cujos resultados se apresentam no gráfico 2.1 em que foram inquiridos 799 adolescentes norte-americanos, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, os adolescentes enviam cada vez mais mensagens de texto por dia. Em 2011 enviavam cerca de 60 mensagens por dia, enquanto em 2009 o número era 50 – **Gráfico 7**. O mesmo autor afirma também que as mensagens de texto são o meio de comunicação preferido por 63% dos adolescentes.

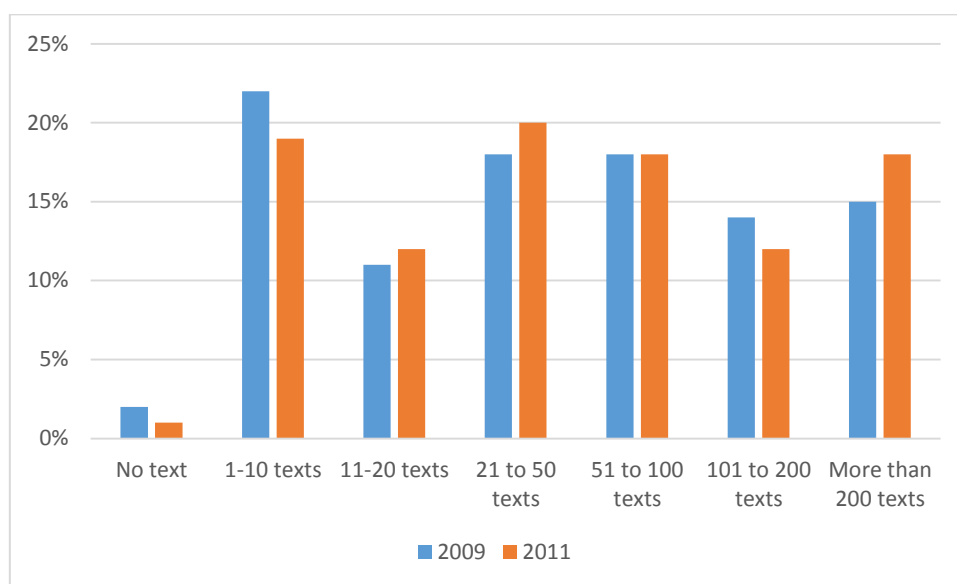


Gráfico 7 - Referente ao estudo da Pew Internet & American Life Project sobre a quantidade de mensagens escritas por telemóvel enviadas diariamente por um grupo de adolescentes norte-americanos.

De acordo com os resultados do mesmo estudo (Lenhart, 2012), e apesar de alguma homogeneidade entre as faixas etárias, são os jovens entre os 15 e os 34 anos que têm uma maior taxa de utilização dos telefones móveis, com valores acima dos 99%.

⁵ A Pew Internet & American Life Project é uma iniciativa da organização sem fins lucrativos Pew Research Center. O projeto surgiu na década de 1990 e estuda o impacto social da Internet e das novas tecnologias.

Capítulo III

Metodologia

Este capítulo apresenta os objetivos, a descrição da amostra e dos instrumentos escolhidos, e os procedimentos de investigação adotados para a realização desta dissertação. Nesse sentido, Fonseca (2002, como referido em Gerhardt e Silveira, 2009, p. 12) sublinha que a “metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica”.

3.1 Enquadramento metodológico

Esta investigação debruçou-se sobre a comunicação por SMS de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos da Escola Básica 2, 3 José Carlos da Maia do Mega Agrupamento Escolas Professor Paula Nogueira, em Olhão.

Os objetivos deste estudo são analisar a importância que o telemóvel tem na comunicação escrita para o grupo de alunos acima referido, compreender o impacto que as mensagens de texto podem ter nas competências de comunicação escrita dos jovens e contribuir para uma melhor compreensão da relação que existe entre os adolescentes e o telemóvel.

A escolha do método e da abordagem foi em função da natureza do problema a estudar. O método de investigação escolhido foi o descritivo que, segundo Freixo (2009, p. 106) assenta em estratégias de pesquisa para observar e descrever comportamentos, incluindo a identificação de fatores que possam estar relacionados com um fenómeno em particular, e a abordagem quantitativa, que segundo Vilelas (2009, p. 103) visa a apresentação e a manipulação numérica de observações com vista à descrição e à explicação do fenómeno sobre o qual recaem as observações. A recolha dos dados foi feita através de um inquérito por questionário. Fez-se uma descrição pormenorizada

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

para garantir a fiabilidade do estudo. A validade interna do estudo foi garantida com a aplicação do método de recolha de dados. Como não se pretende fazer generalizações, a validade externa do estudo não foi tida em consideração. A amostragem a que se refere o estudo é de natureza não aleatória (não probabilística). De acordo com Francisco (2011), os métodos de amostragem não probabilísticos não requerem um conhecimento de padrões da população ou características comportamentais, e não permitem generalizar conclusões. Nesse sentido, as conclusões só devem ser consideradas válidas para este estudo.

3.2 Os participantes

Todos os participantes do estudo são alunos da Escola Básica 2, 3 José Carlos da Maia, do Mega Agrupamento de Escolas Professor Paula Nogueira.

Participaram neste estudo 159 alunos com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos.

Os alunos com 14 anos constituem a maior percentagem dos inquiridos (24%), seguida dos alunos com 11 e 12 anos (19%). Os alunos com 10 anos aparecem em terceiro lugar com 14% de participação, seguindo-se os alunos com 15 e 16 anos (9% e 5% respetivamente) – **Tabela 1**.

	N	%
10	23	14%
11	30	19%
12	30	19%
13	16	10%
14	38	24%
15	14	9%
16	8	5%
	159	

Tabela 1 – Idade dos participantes

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

3.2.1. Sexo dos participantes

O universo da amostra conta com 83 indivíduos do sexo feminino, que corresponde a 52% dos inquiridos, e 76 indivíduos do sexo masculino, que corresponde a 48% -

Tabela 2.

	<i>N</i>	%
Feminino	83	52%
Masculino	76	48%
	159	

Tabela 2 – Sexo dos participantes

3.2.2. Nacionalidade dos participantes

A maioria dos participantes é de nacionalidade portuguesa, com 95% das respostas. A alemã regista 1,3% e as seis restantes são distribuídas de forma quase residual, com 0,6%, cada – **Tabela 3.**

	<i>N</i>	%
Alemã	2	1,3%
Brasileira	1	0,6%
Francesa	1	0,6%
Jamaicana	1	0,6%
Luso-sueca	1	0,6%
Portuguesa	151	95,0%
Russa	1	0,6%
Ucraniana	1	0,6%
	159	

Tabela 3 – Nacionalidade dos participantes

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

3.2.3. Escolaridade dos participantes:

O 5.º ano de escolaridade representa 19,5% dos participantes no questionário, o 6.º ano e o 7.º ano representam 22% cada, o 8.º ano representa a taxa mais baixa de participação, 1,9%, e o 9.º ano representa a taxa mais alta, 34,6% - **Tabela 4**.

	<i>N</i>	%
5.º	31	19,5%
6.º	35	22,0%
7.º	35	22,0%
8.º	3	1,9%
9.º	55	34,6%
	159	

Tabela 4 – Escolaridade dos participantes

3.3 Instrumentos de Investigação

3.3.1 Inquérito por questionário

A utilização de um questionário acarreta vantagens e desvantagens. Se por um lado possibilita a recolha de informações sobre um grande número de inquiridos e permite a comparação das respostas dos participantes, por outro lado, as respostas podem não representar o que os inquiridos pensam efetivamente e as questões fechadas podem evitar o registo da verdadeira opinião dos participantes (Francisco, 2011).

O questionário foi construído com base na idade dos participantes e nas questões de estudo. Teve como objetivo a caracterização dos participantes e está escrito numa linguagem acessível a sujeitos com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos.

É composto por cinco páginas e 16 perguntas, 13 fechadas e três abertas. A primeira página consiste na apresentação da autora do estudo, do tema e do objetivo principal do estudo (sublinha-se o facto de o questionário ser anónimo e voluntário) e as restantes páginas são constituídas pelas questões.

As quatro primeiras questões pretendem caracterizar os participantes segundo a idade (questão um), o sexo (questão dois), a nacionalidade (questão três) e o nível de

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

escolaridade (questão quatro). As questões cinco e seis pretendem conhecer a familiaridade com a comunicação por escrito, seja através do envio de SMS, seja através de outros meios. Pretendeu-se saber, com a questão sete, o número médio de SMS enviado por dia. A questão oito tem como objetivo analisar os destinatários preferidos do grupo de alunos para o envio de SMS. Da questão oito à questão 14, pretende-se caracterizar a escrita dos SMS enviados pelo grupo de alunos e saber o que pensa sobre a escrita utilizada nos SMS em contexto de sala de aula. Por fim, as questões 15 e 16 pretendem avaliar a familiaridade com a escrita utilizada pelo grupo de alunos nos SMS. A questão 16 foi retirada e adaptada de um SMS real que foi enviado por uma aluna a uma professora.

A aplicação dos questionários foi feita através da distribuição pelos alunos, preenchidos e, em seguida, recolhidos em ambiente de sala de aula.

Todo o processo foi realizado sob a supervisão da autora do questionário e dos diretores de turma.

Os dados recolhidos do questionário estão sintetizados no Capítulo Quatro, Apresentação e Discussão dos Resultados, e apresentados com recurso a gráficos e tabelas.

3.3.2 Validação do Questionário

Sendo este estudo realizado em meio escolar, foi fator decisivo ter a aprovação do Ministério de Educação. A autora do estudo teve de proceder ao seu registo no *site* do Ministério de Educação, dar a conhecer o seu plano de trabalho e aguardar pela aprovação. Após a aprovação, contactou a direção do Agrupamento de Escolas Professor Paula Nogueira para apresentar o plano de trabalho e obter a autorização, de modo a poder deslocar-se às salas de aula, entregar e recolher os questionários (que decorreu durante o período normal de aulas e com a colaboração fundamental dos diretores de cada turma).

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

A autora do estudo também contactou um pequeno grupo de sujeitos, constituído por 14 elementos com idades idênticas aos da amostra, mas que não pertenciam à mesma, para validarem o questionário. Foi-lhe apresentado o questionário, em mão ou *on-line*, após receberem a autorização verbal dos encarregados de educação, no sentido de se perceber se as perguntas eram de fácil compreensão para aquela faixa etária e se concordavam com o conteúdo das questões.

Além deste grupo independente, a autora também contactou dois professores da universidade a que pertence, com o intuito de obter a sua aprovação em relação às questões do questionário.

Sendo os sujeitos da amostra do estudo menores de idade, foi também imprescindível obter a autorização dos encarregados de educação dos estudantes. Para isso, foi necessário redigir um modelo de pedido de autorização que a autora fez chegar aos encarregados de educação através da crucial colaboração do gabinete de coordenação da E.B. 2, 3 José Carlos da Maia e dos diretores de turma.

O período para o preenchimento e devolução das autorizações decorreu entre finais de dezembro a finais de fevereiro de 2015, de modo a fazê-las chegar ao maior número de encarregados de educação.

Reunidas as autorizações, do Ministério de Educação, do Agrupamento e dos Encarregados de Educação organizou-se um plano de entrega dos questionários, juntamente com a coordenadora da escola, conciliando-a com uma das aulas em que os alunos estariam com o diretor de turma e na disciplina Tempo de Turma, de modo a evitar perturbar o plano curricular e o funcionamento normal de cada turma.

3.4 Procedimentos

3.4.1 Recolha de Informação

Os dados foram recolhidos a partir da aplicação de um inquérito por questionário

A entrega e a recolha dos questionários decorreram nos meses de março, abril e maio de 2015, das 8h30 da manhã e as 16h30 da tarde, em sala de aula, com a colaboração dos diretores de turma.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

O questionário foi entregue pela autora do estudo, em mão e individualmente. Foi informado aos sujeitos que o questionário seria anónimo, apesar de essa informação já constar no prévio pedido de autorização; que não deveriam revelar dados que os pudessem identificar futuramente; que o questionário era de preenchimento individual e pessoal; e que deveriam utilizar uma esferográfica e não um lápis. Poderiam rasurar, caso se enganassem, e tirar dúvidas com a autora do estudo, caso não percebessem alguma questão.

3.4.2 Tratamento da informação

O tratamento das perguntas fechadas foi feito através de codificação de respostas, o que permitiu uma análise estatística dos dados recolhidos. As perguntas abertas foram tratadas através de codificação com análise do conteúdo e de transcrição. Na codificação fez-se corresponder cada resposta a uma ou várias categorias do código. Os dados recolhidos foram armazenados num ficheiro Excel e transformados em gráficos e tabelas.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Capítulo IV

Apresentação e discussão dos resultados

Este capítulo apresenta os resultados obtidos a partir do tratamento de dados de um inquérito por questionário realizado a um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos da Escola E.B. 2, 3 José Carlos da Maia, do Mega Agrupamento de Escolas Professor Paula Nogueira, em Olhão, matriculados nos 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade e com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos.

Pretende-se, com a apresentação destes resultados, dar-se resposta às questões de estudo colocadas nesta dissertação, previamente referidas na página 5. Nesse sentido, cada resultado apresentado é antecedido pela questão de estudo à qual pretende dar uma resposta. Pretende-se também apresentar uma reflexão sobre os resultados obtidos e a revisão da literatura efetuada.

4.1 Qual é a importância atribuída à comunicação por SMS por parte dos adolescentes inquiridos?

Na pergunta “Costumas enviar SMS?”, os inquiridos podiam responder “Sim” ou Não”. 87% dos participantes responderam “Sim” e 13% responderam “Não”. Na pergunta “Para além dos SMS, como é que costumam comunicar por escrito?”, os inquiridos podiam escolher “Por *e-mail*”, “Através de chats das redes sociais”, “Por carta” e “Outro. Qual?” e a maioria dos inquiridos (90%) respondeu que utilizava os *chats* das redes sociais. Estes dados indicam que os participantes atribuem muita importância à comunicação por SMS. No entanto, é interessante observar que começam a emergir alternativas na comunidade jovem, como os *chats* das redes sociais. Além disso, cerca de 9% dos inquiridos responderam que também comunicavam pelo Skype, pelo WhatsApp e através de *chats* de jogos. Importa referir que todos estes novos meios de comunicação são fortes concorrentes dos SMS, uma vez que são económicos e de muito fácil utilização (condições muito apelativas para a comunidade jovem).

De modo não muito surpreendente, a comunicação por carta revelou ser um meio obsoleto para esta comunidade jovem, com apenas 0,7% de adesão – **Gráfico 8**.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

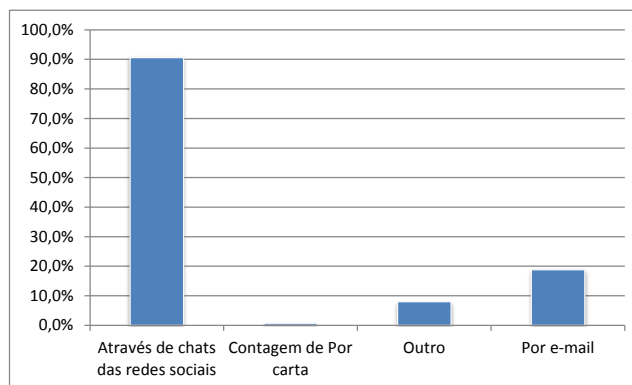


Gráfico 8 – Representação gráfica das outras formas de comunicação, para além dos SMS.

4.2 Existem diferenças de género na preferência pela comunicação escrita através do telemóvel?

Ainda na pergunta “Costumas enviar SMS?”, os resultados obtidos demonstram que são as raparigas que enviam mais SMS, com 47% das respostas afirmativas. 39,6% são do sexo masculino – **Tabela 5**.

	Masculino		Feminino	
	N	%	N	%
Sim	63	39,6%	75	47,2%
Não	13	8,2%	8	5,0%
	76		83	

Tabela 5 – Percentagem de SMS enviados em função do género.

4.3 Qual é o número médio de SMS enviados por dia, em função da idade e do sexo;

Na pergunta “Quantos SMS envias, em média, por dia?” os inquiridos podiam escolher “Nenhum. Prefiro conversar por telefone ou pessoalmente”, “De 0 a 10”, “De 10 a 20” ou “Mais de 20”. Em função da idade, os resultados desta questão indicam que a maioria dos participantes com 10, 11 e 12 anos envia entre zero a dez SMS por dia e a maioria dos participantes com 13, 14, 15 e 16 anos envia mais de 20 SMS por dia – **Gráfico 9**.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

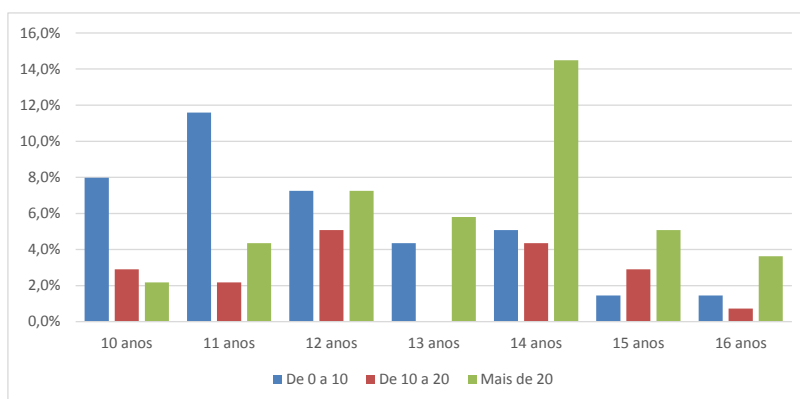


Gráfico 9 – Representação gráfica do número de SMS enviados diariamente, em função da idade.

Em função do sexo, e numa visão global, são os indivíduos do sexo feminino que lideram o envio de SMS, com um total de 54,3%. O sexo masculino regista 45,7% - **Tabela 6.**

	De 0 a 10		De 10 a 20		Mais de 20		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	28	20,3%	12	8,7%	35	25,4%	75	54,3%
Masculino	26	18,8%	13	9,4%	24	17,4%	63	45,7%
	54		25		59		138	

Tabela 6 – Percentagem de SMS enviados diariamente em função do sexo.

4.4 Quando os adolescentes utilizam o telemóvel, com quem comunicam preferencialmente?

Na pergunta “Com quem comunicas mais por SMS?”, os inquiridos podiam escolher “Com os meus pais”, “Com os meus amigos” ou “Professores/colegas/outros”, podendo avaliar a comunicação com “Sempre”, “Por vezes” ou “Raramente”. Mais de metade dos participantes (66%) respondeu que comunica sempre com os amigos por SMS, 30% responderam que comunicam sempre com os pais e apenas 5% responderam que comunicam sempre com professores, colegas e outros – **Tabela 7 e Gráfico 10.**

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Importa salientar que na generalidade, a interação com os pais tende a diminuir, e a com os amigos tende a aumentar, à medida que a idade dos participantes aumenta, como é possível observar na tabela referente.

	Professores/colegas/outros								Com os pais								Com os amigos							
	Nunca		Por vezes		Raramente		Sempre		Nunca		Por vezes		Raramente		Sempre		Nunca		Por vezes		Raramente		Sempre	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
10 anos	4	3%	7	5,1%	7	5,1%	0	0%	1	0,7%	6	4,3%	2	1,4%	9	6,5%	1	0,7%	7	5,1%	2	1,4%	8	5,8%
11 anos	1	1%	5	3,6%	18	13,0%	1	0,7%	0	0,0%	9	6,5%	5	3,6%	11	8,0%	0	0,0%	13	9,4%	0	0,0%	12	8,7%
12 anos	7	5%	8	5,8%	11	8,0%	1	0,7%	4	2,9%	11	8,0%	5	3,6%	7	5,1%	0	0,0%	7	5,1%	2	1,4%	18	13,0%
13 anos	1	1%	0	0,0%	12	8,7%	1	0,7%	0	0,0%	5	3,6%	6	4,3%	3	2,2%	0	0,0%	4	2,9%	0	0,0%	10	7,2%
14 anos	1	1%	10	7,2%	20	14,5%	2	1,4%	0	0,0%	18	13,0%	9	6,5%	6	4,3%	0	0,0%	5	3,6%	1	0,7%	27	19,6%
15 anos	1	1%	5	3,6%	7	5,1%	0	0,0%	1	0,7%	6	4,3%	5	3,6%	1	0,7%	0	0,0%	1	0,7%	0	0,0%	12	8,7%
16 anos	0	0%	5	3,6%	1	0,7%	2	1,4%	0	0,0%	2	1,4%	2	1,4%	4	2,9%	0	0,0%	3	2,2%	1	0,7%	4	2,9%
	15		40		76		7		6		57		34		41		1		40		6		91	

Tabela 7 – Percentagens dos destinatários preferenciais no envio de SMS.

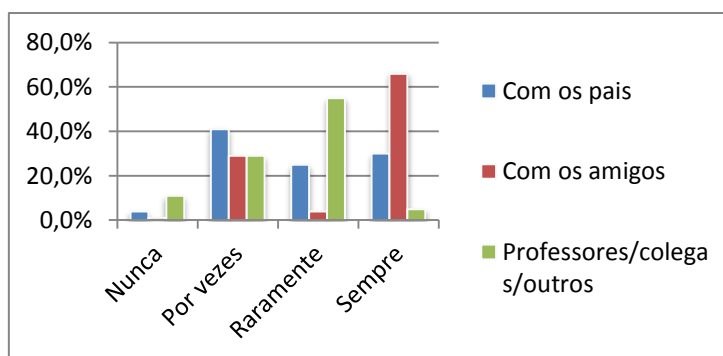


Gráfico 10 – Representação gráfica das pessoas com quem os adolescentes comunicam mais por SMS.

4.5 O que pensam sobre o uso da escrita dos SMS em contexto de sala de aula?

À pergunta “Achas que o modo como se escreve nos SMS deveria ser aceite em sala de aula?”, 83,6% dos inquiridos responderam que o modo como se escreve nos SMS não deveria ser aceite em aula, justificando a sua resposta com as opções disponibilizadas no questionário “os alunos sabem como podem escrever nos SMS e como devem escrever em sala de aula” e “o modo como se escreve nos SMS é só um código de escrita entre os jovens. 16,4% dos inquiridos defenderam a escrita nos SMS em contexto de sala de aula porque, segundo estes participantes “poupava muito tempo a escrever nos trabalhos e nos testes” e ainda “também se percebe o que se quer dizer” – **Tabelas 8, 9 e 10.**

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

	N	%
Não	133	83,6%
Sim	26	16,4%
	159	

Tabela 8 – Percentagens de respostas dos participantes à questão: “Achas que o modo como se escreve nos SMS deveria ser aceite em sala de aula?”

	N	%
A escrita dos SMS é só um código entre os jovens	61	45,9%
O grande objetivo da escrita dos SMS é poupar tempo e dinheiro	24	18,0%
Os alunos sabem como podem escrever nos SMS e como devem escrever em sala de aula	78	58,6%
	163	

Tabela 9 – Taxa de participantes que **não concorda** com o uso da escrita dos SMS em contexto de sala de aula.

	N	%
Poupava muito tempo a escrever nos trabalhos e nos testes	20	76,9%
É difícil escrever de outra forma	1	3,8%
Também se percebe o que se quer dizer	12	46,2%
	33	

Tabela 10 – Taxa de participantes que **concorda** com o uso da escrita dos SMS em contexto de sala de aula.

4.6 Os inquiridos têm consciência das implicações do uso dos SMS em contexto de sala de aula?

À pergunta “Escreves nas aulas da mesma forma que escreves nos SMS (caso envies SMS)?”, 87,7% dos inquiridos responderam que não escrevem em contexto de sala de aula como escrevem nos SMS, enquanto 11,6% responderam que escrevem. Esta pergunta é de resposta mista (fechada com “sim” e “não”, e aberta com “porquê?”) –

Tabela 11.

	N	%
Não	121	87,7%
NR	1	0,7%
Sim	16	11,6%
	138	

Tabela 11 – Percentagens de respostas dos participantes à questão: “Escreves nas aulas da mesma forma que escreves nos SMS?”

Algumas das justificações dadas pelos inquiridos que responderam “Não” refletem um pouco a sensibilidade que os jovens têm ao modo como acham que devem escrever em sala de aula, como se pode confirmar abaixo.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

- ✓ *Nas aulas temos de escrever bem.*
- ✓ *Seria difícil de perceber com as abreviaturas.*
- ✓ *Só escrevo assim para ser mais rápido.*
- ✓ *As minhas professoras não acham correto.*
- ✓ *Algumas pessoas poderiam não entender.*
- ✓ *Fica feio.*
- ✓ *Nos SMS escrevo com vários erros.*
- ✓ *Só escrevo assim para não desperdiçar tempo e dinheiro.*
- ✓ *Prefiro escrever com abreviaturas nos SMS.*

Algumas das justificações dadas pelos inquiridos que responderam “Sim” refletem um pouco a realidade de que ainda há jovens que escrevem SMS seguindo o processo de aprendizagem da escrita aprendido na escola, como se pode confirmar abaixo.

- ✓ *É a maneira que estou mais habituado.*
- ✓ *A maneira que eu escrevo os SMS não têm problema nenhum.*
- ✓ *Porque eu nos SMS escrevo às vezes frases compridas.*
- ✓ *Escrevo da mesma forma porque escrevo bem quer nas aulas quer nos SMS e escrevo bom português.*
- ✓ *Dá mais jeito.*
- ✓ *Porque, nos meus SMS eu escrevo corretamente e por essa razão não existe qualquer razão para mudar a forma de escrever.*
- ✓ *Porque escrevo sempre corretamente sem substituir ou escrever mal as palavras.*
- ✓ *Porque no SMS eu tenho sempre atenção à forma como escrevo as palavras e nunca escrevo com abreviaturas.*

Quando questionados com a pergunta “Achas que os jovens escrevem nos cadernos, nos trabalhos e nos testes da escola, da mesma forma que escrevem nos SMS?”, a maioria dos inquiridos (81,1%) respondeu que não e 18,9% responderam que sim – **Tabela 12.**

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Os inquiridos tinham como opção de resposta o “Não” e o “Sim”, sendo que a resposta “Sim” implicava uma justificação que avaliava a escrita nos cadernos, nos trabalhos para entregar ao professor e os testes de avaliação com as seguintes opções: “Alteram as palavras, substituindo algumas letras, como por exemplo axas em vez de achas”, “Não usam pontuação” e “Usam abreviaturas”.

	N	%
Não	129	81,1%
Sim	30	18,9%
	30	

Tabela 12 – Percentagens de respostas dos participantes à questão: “Achas que os jovens escrevem nos cadernos, nos trabalhos e nos testes da escola, da mesma forma que escrevem nos SMS?”

Dos participantes que responderam sim, 93,3% acham que alteram as palavras com substituição de letras, nos cadernos, 63,3% acham que não usam pontuação nos testes de avaliação e 90% acham que usam abreviaturas nos cadernos – **Tabela 13**.

	Alteram as palavras, substituindo algumas letras		Não usam pontuação		Usam abreviaturas	
	N	%	N	%	N	%
Nos cadernos	28	93,3%	17	56,7%	27	90,0%
Trabalhos para entregar ao professor	6	20,0%	18	60,0%	4	13,3%
Testes de avaliação	6	20,0%	19	63,3%	2	6,7%
	40		54		33	

Tabela 13 – Percentagens de respostas à questão: “Se respondeste sim, de que forma achas que isso acontece?”

4.7 Quais são as características dos SMS enviados pelos jovens?

Na pergunta “Como é que caracterizas a escrita por SMS entre os jovens? Assinala com um x.”, os inquiridos podiam avaliar com as opções “Substitui algumas letras por outras que têm o mesmo som”, “Ignora os sinais de pontuação”, “Utiliza muitos “smiles” para demonstrar sentimentos”, “Curta, mas eficaz” e “Tem muitos erros ortográficos”. Além

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

disso, para cada uma destas opções, os inquiridos podiam escolher entre “Sim”, “Não” e “Às vezes”.

Com base nos resultados, constata-se que os inquiridos acham que a pontuação é bastante ignorada na escrita, por SMS, uma vez que a sua ausência não impede a comunicação. Os ícones de emoções substituem muitas vezes o ponto de exclamação, o ponto final e as reticências, por exemplo.

Em relação à pergunta “Quais são os sinais de pontuação que mais utilizas nos teus SMS? Assinala com um X.”, os resultados revelam que a entoação de uma pergunta é sempre representada pelo ponto de interrogação.

Além disso, o ponto de interrogação é o sinal de pontuação mais utilizado com 42% dos inquiridos a responderem que o escrevem sempre nos seus SMS. Em contrapartida, as aspas é o sinal menos utilizado nos SMS destes jovens, com apenas 6,5% dos participantes a admitirem o seu envio – **Gráfico 11**.

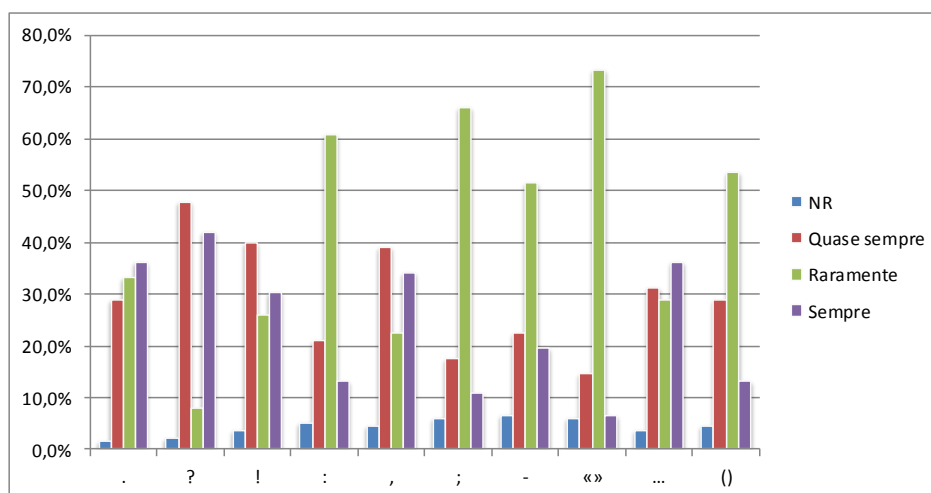


Gráfico 11 – Representação gráfica dos sinais de pontuação mais utilizados nos SMS.

À pergunta “Que tipo de escrita usas nos SMS que envias? Assinala com X.”, quase metade dos participantes (40,6%) respondeu escrever sempre com abreviaturas e 15,2% responderam que escrevem sempre sem abreviaturas. Embora, 33,3% se preocupem com a correção da escrita que produzem, 21% admitiram substituir letras por outras que ocupem menos espaço. A aplicação de maiúsculas e de minúsculas é respeitada por 39,9% e 58% dos participantes leem o que escrevem antes de enviarem. As mensagens curtas (34,8%) ultrapassam claramente as frases longas (8,7%). 35,5%, responderam

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

usar sempre pontuação, 49,3% responderam usar pontuação às vezes e apenas 13,8% responderam usar raramente pontuação. O uso de ícones divide os participantes, com 44,9% a responder que enviam às vezes e com 45,7% a responder que enviam raramente

– **Tabela 14.**

	NR		Por vezes		Raramente		Sempre	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Escrevem com abreviaturas, para ser mais rápido	5	3,6%	52	37,7%	25	18,1%	56	40,6%
Escrevem sem abreviaturas	4	2,9%	50	36,2%	63	45,7%	21	15,2%
Escrevem mensagens longas	3	2,2%	92	66,7%	31	22,5%	12	8,7%
Escrevem mensagens curtas	3	2,2%	80	58,0%	7	5,1%	48	34,8%
Preocupam-se com a correção da escrita que produzem	2	1,4%	54	39,1%	36	26,1%	46	33,3%
Leem o que escrevem antes de enviarem	2	1,4%	35	25,4%	21	15,2%	80	58,0%
Usam imagens nos SMS	5	3,6%	62	44,9%	63	45,7%	8	5,8%
Usam pontuação nos SMS	2	1,4%	68	49,3%	19	13,8%	49	35,5%
Substituem algumas letras por outras que ocupem menos espaço. Ex. "xatear"	3	2,2%	37	26,8%	69	50,0%	29	21,0%
Respeitam as maiúsculas e as minúsculas	2	1,4%	52	37,7%	29	21,0%	55	39,9%

Tabela 14 – Percentagens das características da escrita dos jovens quando enviam SMS.

Em larga escala, cerca de 70% dos inquiridos responderam que a escrita por SMS entre os jovens utiliza muitos ícones de natureza afetiva (*smiles*), é curta mas eficaz (cerca de 50%), tem muitos erros ortográficos (cerca de 35%), ignora os sinais de pontuação (cerca de 30%) e substitui algumas letras por outras com o mesmo som (cerca de 35%)

– **Gráfico 12.**

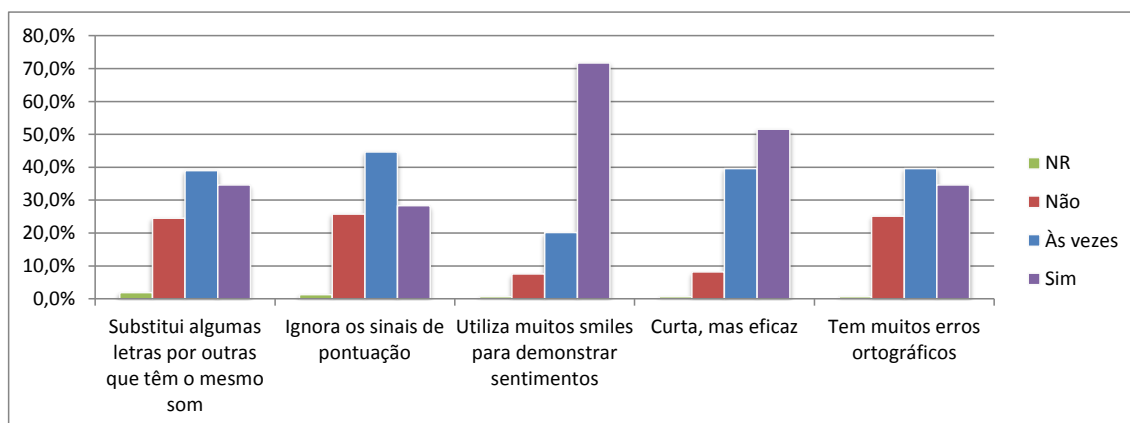


Gráfico 12 – Representação gráfica da opinião dos adolescentes sobre as características da escrita por SMS entre os jovens.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Nas últimas duas questões do questionário foi solicitado aos participantes que reescrevessem dois textos que lhes foram apresentados.

No primeiro texto, **Figura 3**, que estava escrito com uma linguagem cuidada, sem erros ortográficos e sem erros de pontuação, foi-lhes pedido que fizessem todas as alterações que fariam se o enviassem normalmente por SMS.

*“Olá mãe,

Estamos a estudar para o teste de amanhã. Assim que acabarmos vamos para casa ou dizemos-te qualquer coisa. Não te preocupes. Beijinhos e um chi-coração.”*

Figura 3 - Texto referente à questão n.º 15 do questionário.

Constatou-se, de acordo com os resultados obtidos, que cerca de 90% dos inquiridos fizeram uso de pontuação e não encurtaram a mensagem. Por outro lado, 60% dos inquiridos respeitaram as maiúsculas e as minúsculas na sua colocação nas frases. No entanto, mais de 50% dos participantes escreveram com erros ortográficos e 60% dos participantes utilizaram abreviaturas no texto – **Gráfico 13**.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

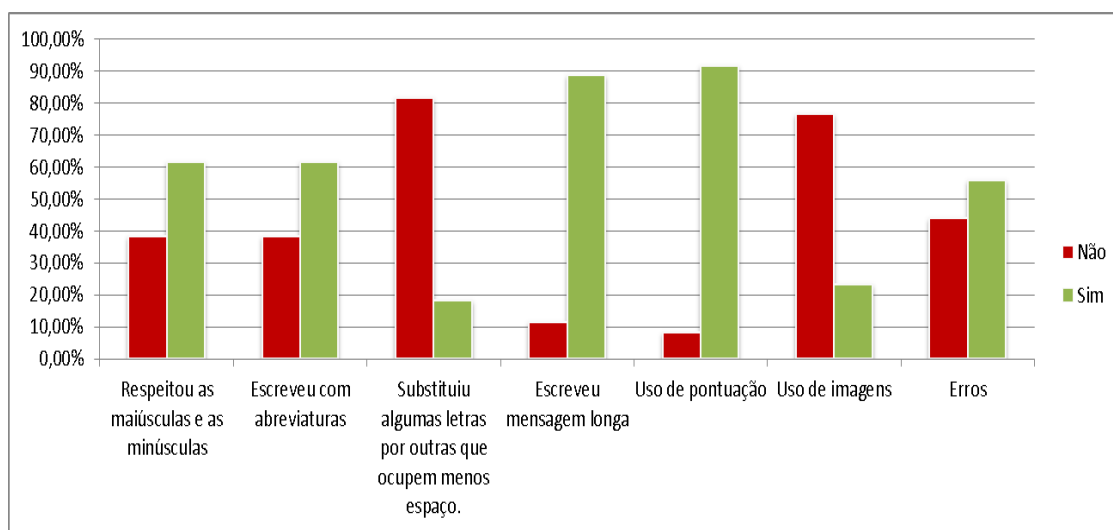


Gráfico 13 – Representação gráfica das alterações efetuadas no envio dum SMS.

A maioria dos inquiridos com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos não sabia o significado de “chi-coração”. Das alterações realizadas pelos inquiridos com idades compreendidas ente os 10 e os 12 anos, pode-se destacar as seguintes: “kualquer” ou “klker” em vez de “qualquer”, “amanha” em vez de “amanhã”, “dizemoste” em vez de “dizemos-te”, “<3” em vez de “Beijinhos e um chi-coração”, “xtudar” em vez de “estudar”, “pro” em vez de “para o”, “ksa” em vez de “casa”, “akbrms” em vez de “acarbarmos”, “vms” em vez de “vamos”, “pa” em vez de “para”, “qlqer” ou “qq” em vez de “qualquer”, “Ñ t prcups”, em vez de “Não te preocupes”, “crção” em vez de “coração”. Das alterações realizadas pelos inquiridos com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos, pode-se destacar as seguintes: “ke” em vez de “que”, “Ñ” em vez de “Não”, “Dps” em vez de “Depois”, “Axim” em vez de “Assim”, “cena” em vez de “coisa”, “test d” em vez de “teste de”, “<3” em vez de “Beijinhos e um chi-coração”, “oi, tou a estudar. Depois vou pa casa e logo falo-te. N t preoc.. Bjs e um <3”, em vez de toda a mensagem, “dizemoste”, em vez de dizemos-te”. “pa” em vez de “para”, “qlqer” ou “qq” em vez de “qualquer”, “Ñ t prcups”, em vez de “Não te preocupes”, “crção” em vez de “coração”

No segundo texto, **Figura 4**, foi pedido o inverso aos inquiridos. Ou seja, que reescrevessem um SMS que tinha muitas substituições de caracteres, como por exemplo

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

“temx” em vez de “temos” “kom” em vez de “com”, “exkexer” em vez de “esquecer” ou “ke” em vez de “que”, mas com uma linguagem mais cuidada.

“temx de falar kom a xtora, axo k tá xateada poix ñ demx u trabalho. ñ nux vamx exkexer ok? ke xaudadx dax feriax!!”

Figura 4 - Texto referente à questão n.º 16 do questionário.

Aqui, o fator idade contribuiu bastante para a diferença de resultados. Constatou-se que todos os inquiridos com 16 anos perceberam na totalidade o texto SMS e conseguiram reescrevê-lo sem qualquer problema. Por outro lado, os participantes com 11 e 12 anos demonstraram mais dificuldade em perceber o que estava escrito no texto, como se pode verificar no gráfico 4.7. A familiaridade com a escrita dos SMS é mais notória nas idades mais avançadas. Contudo, e surpreendentemente, constatou-se que os participantes com 10 anos revelaram estar mais familiarizados com a nova escrita dos SMS do que os de 11 anos ou os de 12 anos, o que nos leva a refletir sobre a possibilidade de esses participantes terem irmãos mais velhos que lhes possam transmitir alguns conhecimentos sobre a nova escrita dos SMS – **Gráfico 14**.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

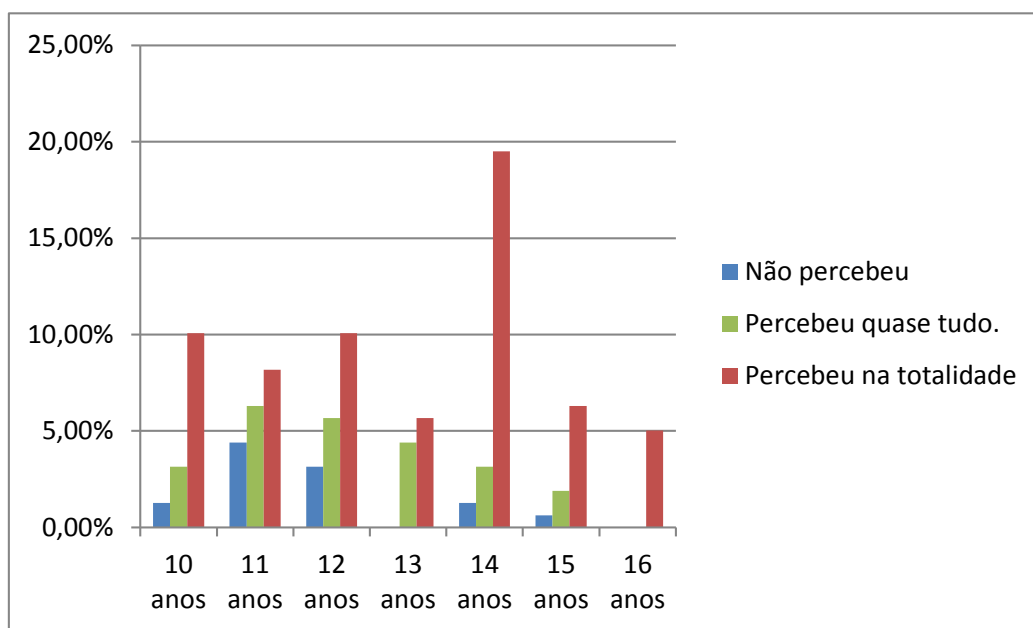


Gráfico 14 – Representação gráfica das alterações efetuadas num SMS.

Das alterações realizadas pelos inquiridos com idades compreendidas ente os 10 e os 12 anos, pode-se destacar as seguintes: “não nos deu” ou “não me deu” em vez de “ não demos”, “Tens” em vez de “Temos”. Convém realçar que nesta faixa etária, muitas das respostas ficaram em branco por falta de compreensão dos inquiridos. Das alterações realizadas pelos inquiridos com idades compreendidas ente os 13 e os 15 anos, não há grandes registos a destacar, com a exceção por exemplo de algum “Tens” em vez de “Temos” A maioria percebeu o que estava escrito e não revelou dificuldades em reescrever a mensagem de texto numa linguagem mais cuidada.

Capítulo V

Conclusões

Com este capítulo pretende-se apresentar uma síntese das principais conclusões, uma reflexão sobre as limitações, o significado da investigação e sobre as implicações teóricas e práticas. Apresenta, também sugestões para investigações futuras.

A escrita por SMS dos adolescentes é o tema central deste trabalho. Embora não haja ainda muita investigação sobre este tema, toda a revisão de leitura efetuada acrescentou informação pertinente a este projeto. A escrita é encarada de modo diferente consoante quem a pratica e tanto se olha para os seus autores com seriedade ou com desconfiança.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Se o autor for um adolescente que, ao escrever, quebra as normas impostas pela escola e pela sociedade em geral, emergem várias dúvidas em relação às competências de escrita dos adolescentes e ao perigo a que está sujeita a língua padrão.

Este estudo debruça-se sobre a importância que o telemóvel tem na comunicação escrita para um grupo específico de adolescentes e tem como objetivos compreender o impacto que as mensagens de texto podem ter nas competências de comunicação escrita dos jovens e contribuir para uma melhor compreensão da relação que existe entre os adolescentes e o telemóvel.

Em termos de relevância e representatividade da amostra, participaram aproximadamente 32% dos alunos que se pretendia inquirir. O nível de idades na participação é diferenciado, mas as respostas obtidas permitem analisar o tipo de comunicação escrita por SMS entre os jovens e o nível de sensibilidade para as questões das normas de escrita fora e dentro do contexto de sala de aula.

Dados estatísticos do INE (2015) e da Anacom (2015), em Portugal, e estudos realizados noutros países revelam que o telemóvel é um dos meios preferidos dos jovens para comunicarem. No entanto, e segundo a Anacom (2016), tem vindo a haver um decréscimo no envio de SMS em Portugal o que vai ao encontro dos resultados deste estudo que revelam que os jovens começam a preferir comunicar através de *chats* das redes sociais ou do Whatsapp, que já é visto como um substituto dos SMS por não acarretar custos adicionais no envio das mensagens.⁶

Ambos os sexos enviam SMS diariamente e elegem o SMS como um dos meios preferidos de comunicação. Contudo, os participantes do sexo feminino enviam mais SMS que os participantes do sexo masculino.

A idade foi um fator muito importante neste estudo. Foi interessante perceber que quanto mais novos são os participantes, mais tentam respeitar as normas que aprendem na escola, aquando do envio dos seus SMS, e menos familiarizados estão com as “novas regras” de escrita criadas pela comunidade jovem. No entanto, os inquiridos com 10 anos de idade revelaram uma certa familiaridade com as “novas regras, fruto talvez do

⁶ Consultar o site <http://www.whatsapp-baixar.net/whatsapp-messenger-para-celular-nokia.html>

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

convívio com irmãos mais velhos. O núcleo dos destinatários dos SMS também difere consoante a idade. Comunicar por SMS com os pais vai perdendo notoriedade à medida que os jovens vão adquirindo mais idade e os amigos ganham mais visibilidade.

No que se refere aos erros de ortografia e de pontuação, estes não parecem estar relacionados com o desconhecimento do processo de aprendizagem da escrita, mas sim com a adaptação às características do telemóvel (tamanho reduzido do ecrã do telemóvel e os custos do envio de SMS). Com esta adaptação, os jovens transmitem a mesma mensagem mas com menos caracteres.

A comunidade jovem dita as regras da sua escrita e não se sujeita às normas, principalmente em contextos informais. No entanto, é interessante perceber que os jovens escrevem cada vez mais, comparado com gerações anteriores, e sabem diferenciar quando devem aplicar a linguagem da língua padrão e quando devem aplicar a linguagem informal dos SMS na sua escrita. Porém, é deveras importante que os professores não ignorem que a escrita que os jovens aplicam nos SMS existe e que é muito aceite pela comunidade juvenil. A prática educacional poderia abordar a escrita produzida nos SMS, numa perspetiva holística, de modo a discutir e a partilhar ideias sobre esta nova literacia da era digital.

Ao longo dos tempos, a escrita foi adquirindo novos formatos e novos suportes. Com a chegada das novas tecnologias, vivemos num mundo acelerado e a escrita conquistou o valor da fala, principalmente entre o público mais jovem. A gestão do tempo é fundamental nos dias de hoje e os ícones de natureza afetiva e o encurtamento de palavras permitem dizer muito sem escrever muito e exprimir sentimentos muitas vezes dificultados pela comunicação oral “cara-a-cara”.

Perante os resultados, pode-se concluir que o telemóvel e a escrita por SMS têm uma grande importância na comunicação dos jovens. Os jovens gostam de escrever como pronunciam, com imagens para as emoções, fazendo com isso uma transposição da oralidade. No entanto, esta comunidade jovem está ciente de que as regras da sua escrita só se aplicam num registo informal, entre amigos, e tem consciência que em contexto de aula as normas devem ser cumpridas. Conseguem diferenciar a forma como devem escrever em sala de aula e como podem escrever em ambiente informal.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Após realizar este trabalho, surgiram algumas reflexões sobre este tema. A língua é um organismo vivo e está sempre a mudar, mas as normas da ortografia, as regras gramaticais e de pontuação (que tanta diferença fazem na interpretação de uma frase) não devem ser descuradas. É fundamental saber escrever corretamente e eficazmente. Os jovens de hoje são os adultos de amanhã e saber falar e saber escrever são duas competências fundamentais para o ser humano evoluir pessoal e profissionalmente. No entanto, não se deve ignorar que os jovens contactam diariamente com outras formas de escrita, além da que supostamente devem aprender na escola.

Os erros ortográficos que se encontram nos SMS não devem ser ignorados nem generalizados e a repetição dos mesmos erros pode contribuir para que os alunos se esqueçam do processo de aprendizagem que adquiriram e para uma mudança da estrutura linguística. No entanto, os professores podem ter um papel fundamental ao dinamizarem o ensino da escrita e ao darem a conhecer aos alunos os vários registos que a escrita tem.

A escola, muitas vezes numa perspetiva tradicional, tenta promover a escrita com as normas padrão de aprendizagem. No entanto, a escola não deve ignorar o facto de que a escrita dos SMS existe e que é bastante apoiada pelo público jovem. Por esta razão, deveria, por exemplo, incluir a análise da escrita dos SMS no programa curricular, discutindo em que contexto pode ser aplicada, e não excluir esta realidade com a qual os jovens convivem diariamente, dentro e fora do contexto escolar.

Talvez seja importante não deixar de proporcionar aos alunos o acesso e o contacto com a leitura, de forma a reforçarem os seus conhecimentos de aprendizagem da escrita e, por outro lado, os alunos devem ser responsabilizados e corrigidos pelos professores sempre que cometerem erros por influência dos SMS em contexto de sala de aula. Os adolescentes sempre se destacaram pelas características particulares da sua oralidade e da sua escrita, e sempre houve conflito de gerações. Ainda assim, os jovens de hoje escrevem cada vez mais e sabem diferenciar a escrita que devem utilizar num registo informal e num registo formal.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Estas são, em suma, algumas reflexões sugeridas pela análise das implicações que o desenvolvimento tecnológico e o aparecimento de novas formas de comunicação que dele advêm podem ter na linguagem escrita, no uso que dela fazemos, nas competências nela implicadas e na sua abordagem em contexto pedagógico. Pela complexidade do tema, não se pretendeu, com este trabalho, esgotar todos os aspetos nele implicados, mas apenas apontar alguns que aparecem como mais evidentes. Trata-se, enfim, de uma questão que pela sua atualidade e pelas constantes mutações a que está sujeita, também pelas potencialidades de que se reveste em termos pedagógicos, merece que lhe prestemos alguma atenção (Carvalho, 2012, pp. 147).

5.1 Limitações

Este estudo revelou algumas limitações que se prenderam com o facto de a amostra escolhida serem menores de idade e de a recolha de dados ter sido feita presencialmente em ambiente escolar. A recetividade e participação por parte dos encarregados de educação não foi muita e muitos esqueceram-se, inclusive, de devolver a autorização assinada, independentemente de autorizarem ou não a entrega do questionário aos respetivos educandos. Por se tratar de menores, em ambiente escolar, o processo para adquirir autorizações por parte de todas as entidades envolvidas (Ministério da Educação, direção do Agrupamento de Escolas, coordenação da escola e encarregados de educação) foi moroso, o que dificultou o cumprimento de prazos pré-estabelecidos pela autora do estudo. Os questionários foram entregues aos alunos participantes em mão, pela autora do estudo, somente na aula Tempo de Turma (aula em que a turma se reúne com o respetivo diretor de turma, a fim de discutirem problemas relacionados com a turma), para não prejudicar o normal funcionamento das outras disciplinas, o que prolongou o período de recolha de dados.

Por outro lado, a contextualização da idade dos participantes foi dificultada pelo facto de não existir um consenso nas idades que delimitam a fase da adolescência, entre os peritos. Os poucos estudos ainda existentes sobre este tema, também dificultaram obter informação através da revisão de literatura, em termos de quantidade.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Em relação aos questionários, as respostas abertas permitiram que alguns inquiridos não respondessem, o que não permitiu analisar essas respostas. A questão n.º 7 apresenta uma falha, que só foi detetada na análise das respostas, porque sendo uma pergunta dirigida a quem envia SMS, não faz sentido ter como resposta a opção de não enviar nenhum SMS.

5.2 Sugestões para futuras investigações

Em futuras investigações, seria interessante explorar o lado dos educadores, pais e professores. Tentar saber se a escrita que os adolescentes aplicam nos SMS é encontrada nos testes, se a ortografia encontrada nos testes de avaliação e nos cadernos dos alunos adolescentes é corrigida pelos professores de todas as áreas de ensino (ou só pelos professores de português).

Poder-se-ia tentar perceber se os professores defendem, por exemplo, uma inclusão da análise da escrita dos SMS no programa curricular nacional, no sentido de dinamizar o ensino da escrita e partilhar experiências com os alunos.

Também seria pertinente avaliar se a escrita aplicada nos SMS, pelos adolescentes, é algo que preocupa os professores ou, se por outro lado, não prejudica a dinâmica normal das aulas e o futuro da língua portuguesa.

Em relação às tecnologias estudadas, seria interessante incluir e aprofundar outros dispositivos e outros formatos, nomeadamente o *tablet*, o computador, *chats* das redes sociais e o *e-mail*.

Referências bibliográficas

Alves, L.V. (2005). *Em 100 portugueses 90 tem telemóvel*. Disponível em: <http://www.tvciencia.pt/arqtvc/ctvc60.asp?cod=30&nod=30110&edic=7&search=no&titulos=no&pchav=no>.

Anacom (2014). *Serviços móveis – Informação Estatística*. Disponível em: http://www.anacom.pt/streaming/STM_3Trim2014.pdf?contentId=1340610&field=ATTACHED_FILE

Anacom (2015). *Serviços móveis - 2015*. Disponível em: http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=1379813#.VvKJx_mLTDC

Anderson, J. (2014). *What writing is and isn't*. Disponível via ERIC em: <http://eric.ed.gov/?q=what+is+writing&id=EJ1043768>

Averianova, I. (2012). *A Cell phone in the Classroom: A Foe or a Friend?* The EUROCALL Review. Proceedings of the EUROCALL 2011 Conference. Vol. 20, pp. 5-12.

Batalha, E. (s.d.). *O abecê da escrita*. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=911&sid=7>

Berg, B. L. (1998). *Qualitative Research Methods for the Social Sciences* (2nd ed.). Boston: Allyn & Bacon.

Bernardino, J. (2013). *Porque é importante escrever bem?* Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/importancia-escrita-559518.shtml>

Bogard, J. M., & McMackin, M.C. (2012). *Combining Traditional and New Literacies in a 21st-Century Writing Workshop*. Disponível via ERIC em: <http://eric.ed.gov/?q=writing+before+the+new+technologies&id=EJ961027>

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Borgese, J., Heyler, D., & Romano, S. (s.d.). *Revision Strategies for Adolescent Writers: Moving Students in the Write Direction*. Disponível via ERIC em: <http://eric.ed.gov/?q=writing+before+the+new+technologies&pg=2&id=ED525989>

Brito, A. (s.d.). *Prática pedagógica alfabetizadora: a aquisição da língua escrita como processo sociocultural*. Disponível em: <http://rieoei.org/deloslectores/1877Brito.pdf>

Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R., & Magalhães, V. F. (2015). *Programa e metas curriculares de português do ensino básico*. Ministério da Educação e Ciência: Lisboa. Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb_julho_2015.pdf

Calero, J. (2000). *Investigación cualitativa y cuantitativa - problemas no resueltos en los debates actuales*. Disponível em: <http://www.monografias.com/trabajos38/investigacion-cualitativa/investigacion-cualitativa.shtml>

Campos, B. P. (1990). *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carvalho, J. A. B. (2012). *A escrita – Percursos de Investigação*. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18254/1/Escrita,%20Percursos%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o.pdf>

Carvalho, J. A. B. (2013). *A escrita na escola: uma visão integradora*. Disponível em: <file:///C:/Users/Linda/Downloads/3408-8301-1-PB.pdf>

Carvalho, J. A. B., & Barbeiro, L. F. (2013). *Reproduzir ou construir conhecimento? Funções da escrita no contexto escolar português*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n54/06.pdf>

Castro, S. L. (1999). *A linguagem escrita e o seu uso: Uma perspectiva cognitiva*. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/6746/2/84672.pdf>

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Clark, C. (s.d.). *Young People's Writing in 2011: Findings from the National Literacy Trust's Annual Literacy Survey*. Disponível via ERIC em: <http://eric.ed.gov/?q=young+writing&id=ED541402>

Clark, C., & Dugdale, G. (2009). *Young People's Writing: Attitudes, Behaviour and the Role of Technology*. Disponível via ERIC em: <http://eric.ed.gov/?q=young+writing&id=ED510271>

Costa, F. (2011). *História da Tradução*. Disponível em: <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Hist%C3%B3ria-Da-Tradu%C3%A7%C3%A3o/3185.html>

Cristina, J. (2011). *Internetês: a linguagem dos adolescentes* [mensagem de blog]. Disponível em: <http://proginf7.blogspot.pt/2011/07/internetes-linguagem-dos-adolescentes.html>

Cunha, S. M. S. (2011). *A aprendizagem da leitura e da escrita – factores pedagógicos e cognitivos*. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1524/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20de%20Sandra%20Cunha%20-%20Aprendizagem%20da%20leitura%20e%20da%20Escrita.pdf?sequence=1>

Echebrúa, E., Labrador, F.J., & Becoña, E. (2009). *Adicción a las nuevas tecnologías en adolescentes y jóvenes*. Madrid: Ediciones Pirámide.

Escola Secundária de Pinhal do Rei. (s.d.). *Português - Níveis de língua*. Disponível em: <http://amartinho.home.sapo.pt/escola/portugues/nonomais1/niveislingua.htm>

Espanha, R., & Lapa, T. (2007). *E-Generation: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*. Lisboa: Fundação Portugal Telecom.

Fields, T., Hatala, J.J., & Nauert, R.F. (2014). *Perceptions of Preceptors and Students on the Importance of Writing*. Disponível via ERIC em: <http://eric.ed.gov/?q=what+is+writing&id=EJ1058482>

Fillioud, A., et al. (1981). *Dicionário de psicologia do adolescente*. Lisboa: Verbo

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor Projectos e Edições, Lda.

Foddy, W. (1996). *Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Celta Editora.

Forrester, M. A. (1996). *Psychology of Language – A critical introduction*. London: SAGE Publications Ltd.

Francisco, M. (2011). *Metodologias de Investigação na Educação* [mensagem de blog]. Disponível em: <https://miemf.wordpress.com/autoria-maria-francisco/>

Gaitas, S. & Martins, M. A. (s.d.) Práticas de ensino da literatura e da escrita no 1º ano de escolaridade. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1600/1/CIPE%202012%2046-60.pdf>

Gaspar, J. (2014). *Utilização das novas tecnologias na comunicação interpessoal dos pré-adolescentes*. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77842/2/107751.pdf>

Gerhardt, T. E. & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>

Gesell, A. (1978). *O Jovem dos 10 aos 16 anos*. Lisboa: Publicações D.Quixote.

Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O Inquérito – Teoria e Prática* (2.ª ed.). Oeiras: Celta Editora.

Gomm, R., Hammersley, M., & Foster, P. (2000). *Case Study Method: Key Issues, Key Texts*. California: SAGE Publications.

Greene, R. L. (2015). *A long decline – We are committed to excellence*. Disponível em: <http://www.economist.com/blogs/prospero/2015/02/johnson-language-anxieties>

Grinberg, K. (2011). *Escrita é tecnologia*. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/em-tempo/escrita-e-tecnologia>

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Halliday, M. (1978). *Language as social semiotic*. London: 90 Tottenham Court Road.

Hill, M.M. & Hill, A. (2008). *Investigação por Questionário* (2.ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

INE (2012). *Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias*.

Infopédia. (2016). *Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico*. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$sumérios](http://www.infopedia.pt/$sumérios)

Jay, T. B. (2003). *The Psychology of Language*. New Jersey: Prentice Hall.

Jones, C. (2012). *Text messaging now the main way teens talk: report*. Disponível em: http://articles.nydailynews.com/2012-03-19/news/31211965_1_text-messaging-texters-teens

Juliano, N. C. (s.d.). *As metodologias educacionais na concepção holística de ensino aprendizagem*. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/CI/TC-CI0080.pdf>

Juvêncio, F. (s.d.). *Adolescência: transição de valores de informações e vários rituais de passagens*. Disponível em: <http://www.divulgaescritor.com/products/adolescencia-transicao-de-valores-de-informacoes-e-varios-rituais-de-passagens-por-fabiana-juvencio/>

Ketele, J. M., & Boeck, X.R.W. (1993). *Metodologia da Recolha de Dados. Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Kimmel, D. C., & Weiner, I. B. (1995). *Adolescence – A development transition* (2.ª ed.). Canada: John Wiley & Sons, Inc.

Kozziel, E. (2015). *Práticas de literatura na cibercultura e a formação do leitor crítico: Fandom e transmidialidade na série Percy Jackson e os Olimpianos*.

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Disponível em: <http://docplayer.com.br/3747734-Universidade-estadual-de-maringa-centro-de-ciencias-humanas-letras-e-artes-programa-de-pos-graduacao-em-letras-elenice-koziel.html>

Kramersch, C. (1998). *Language and Culture*. New York: Oxford University Press.

Lamy, L. F. (2016). *O mito de Thoth – Platão* [mensagem de blog]. Disponível em: <http://lucienefelix.blogspot.pt/2016/02/o-mito-de-thoth-platao.html>

Lenhart, A., Madden, M., & Hitlin, P. (2005). *Teens and Technology: Youth are Leading the Transition to a Fully Wired and Mobile Nation*. Disponível em: http://www.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2005/PIP_Teens_Tech_July2005_web.pdf.pdf.

Lenhart, A., Arafeh, S., Smith, A., & Macgill, A. R. (2008). *Writing, Technology and Teens*. Disponível em: <http://pewinternet.org/Reports/2008/Writing-Technology-and-Teens.aspx>.

Lenhart, A., Ling, R., Campbell, S., & Purcell, K. (2010). *Teens and Mobile Phones*. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/Reports/2010/Teens-and-Mobile-Phones.aspx>.

Lisboa, E. H. A. M. (2015). *Leitura prazerosa, escrita fabulosa: A formação de alunos leitores no ensino fundamental*. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/8586/1/PDF%20-%20Edlany%20Helena%20do%20Amaral%20Maciel%20Lisboa.pdf>

Marinheiro, C. (2007). *A definição de gíria e a de calão*. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-definicao-de-giria-e-a-de-calao/21847>

Marluce (2013). *A leitura e a escrita na escola e os desafios atuais*. Disponível em: <http://pedagogiaaopedaleta.com/leitura-escrita-escola-desafios-atuais/>

Mazzer, V. (2011). *Níveis de língua* [mensagem de blog]. Disponível em: <http://valeryamazzer.blogspot.pt/2011/03/niveis-de-lingua.html>

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

McMullen, M. B. & Alat, K. (2002). *Education matters in the nurturing of the beliefs of preschool caregivers and teachers*. Early Childhood Research and Practice, 4 (2), 46-66.

Miguel, M. A. C (s.d.). *Falar com a escrita: o chat em português*. Universidade dos Açores.

Mortimer, J., & Larson, R. (2002). *The Changing Adolescent Experience*. Cambridge: Cambridge University Press.

Netprof (s.d.). *Os adolescentes e os grupos*. Disponível em: http://www.netprof.pt/netprof/servlet/getDocumento?id_versao=3579

Neves, M. (2015). *Escreve-se cada vez pior?* Disponível em: <http://www.certaspalavras.net/escreve-se-cada-vez-pior/>

Neves, M. (2015). Será que temos um vocabulário mais pobre do que antigamente? Disponível em: <HTTP://WWW.CERTASPALAVRAS.NET/SERA-TEMOS-UM-VOCABULARIO-MAIS-POBRE-ANTIGAMENTE/>

Ngak, C. (2012). *Teens are sending 60 texts a day, study says*. Disponível em: http://www.cbsnews.com/8301-501465_162-57400228-501465/teens-are-sending-60-texts-a-day-study-says/.

Olson, D., & Oatley, K. (2014). *The Quotation Theory of Writing*. Disponível via ERIC em: <http://eric.ed.gov/?q=what+is+writing&id=EJ1019971>

Queiroz, F. (1999). *Introdução à Psicologia da Escrita*. Porto: Campo das Letras – Editores S.A.

Rodrigues, J. R. (2001). *Comunicação*. Lisboa: Prefácio – Edição de Livros e Revistas, Lda.

Rundblad, G. (2006). *Ethics is Essential*. Disponível em: <http://www.appliedlinguistics.org.uk>.

Santos, A. I. S. (2007). *A abordagem à leitura e à escrita no jardim-de-infância: concepções e práticas dos educadores de infância*. Disponível em:

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

<https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2629/1/TeseDoutoramentoAnaIsabelSilvaSantos2008.pdf>

Schieffelin, B., & Ochs, E. (1987). *Language Socialization across Cultures*. Cambridge: Cambridge University Press.

Sebastião, I.S. (2009). *A competência da escrita e o erro ortográfico: actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.

Serrano, G. P. (1994). *Investigación cualitativa. Retos y interrogantes I Métodos*. Madrid: Editorial La Muralla, SA.

Serrano, P. (2004). *Redacção e Apresentação de Trabalhos Científicos* (2.ª ed.), Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Silva, A. I. M. (2001). *Desenvolvimento de competências sociais nos adolescentes – Perspectiva de prevenção em saúde mental na adolescência*. Disponível em: http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2147/1/Tese_Mestrado_Ana%20Silva.pdf

Silva, A. L. J. M. (2010). *O ciclo da escrita*. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1809/1/O%20CICLO%20DA%20ESCRITA%20Ana%20Lu%C3%ADsa%20Silva.pdf>

Silverman, D. (1993). *Interpreting Qualitative Data. Methods for Analysing Talk, Text and Interaction*. California: Sage Publications.

Simões, C. (2016). *Número de SMS enviadas voltou a cair em 2015*. Disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/numero-de-sms-enviadas-voltou-a-cair-em-2015_245472.html

Sobral, P. O. (2008). *Escrita: um sistema linguístico*. Disponível em: <http://www.revel.inf.br>

Souza, S. J., & Jr., N. G. (2001) *Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita*. Disponível em:

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300009

Souza, V. M. (2009). *Novas perspectivas em metodologia de ensino e prática docente*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/novas-perspectivas-em-metodologia-de-ensino-e-pratica-docente/18961/>

Spadari, A. (2015). *As mulheres utilizam mais emotions que os homens nos SMS*. Disponível em: <http://br.ccm.net/faq/13298-as-mulheres-utilizam-mais-emoticons-que-os-homens-nos-sms>.

Stake, R. E. (1995). *The Art of Case Study Research*. California: Sage Publications.

Suler, J. (1998). *The Psychology of cyberspace - Adolescents in Cyberspace*. Disponível em: <http://users.rider.edu/~suler/psycyber/adoles.html>.

Taylor, S. J., & Bogdan, R. (1998). *Introduction to Qualitative Research Methods* (3rd ed.). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

Texto Editores (2001). *A importância da leitura e da escrita*. Disponível em: <http://www.junior.te.pt/servlets/Gerais?P=Pais&ID=2436>

Thomas, L., Singh, I., & Peccei, J.S. (2004). *Language, Society and Power* (2nd ed.). London: Routledge.

Tilley, C.L. (2009). *Texting*. Disponível via ERIC em: <http://eric.ed.gov/?q=written+language+teenagers&id=EJ855944>

Yu, E. (2014). *Angel or Devil: Face-Off of Web 2.0 Technologies for Writing*. Disponível via ERIC em: <http://eric.ed.gov/?q=writing+before+the+new+technologies&pg=4&id=EJ1047493>

A importância do telemóvel na comunicação escrita, por SMS, de um grupo de alunos dos 2.º e 3.º ciclos

6 Apêndices

6.1 Questionário

Olá a todos!

O meu nome é Deolinda Esteves e sou aluna do mestrado Ciências da Linguagem, na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, sob a orientação da professora catedrática Maria Cabral.

No âmbito de um projeto de dissertação sobre o tema “A comunicação escrita, por SMS, dos alunos dos 2.º e 3.º ciclos”, estou neste momento a reunir um número de participantes da Escola E.B. 2, 3 José Carlos da Maia, em Olhão, para uma investigação que consiste na comunicação escrita através do telemóvel.

Pretende-se também contribuir para uma melhor compreensão da relação que existe entre os jovens e a escrita através do telemóvel.

Lembro a todos os participantes que as vossas declarações serão sempre tratadas de forma confidencial e que a divulgação dos resultados não permitirá a identificação dos envolvidos. Todas as respostas são voluntárias, não sendo requerido quaisquer dados pessoais para completar o questionário.

Como não existem respostas certas ou erradas, peço-te que respondas de forma sincera e espontânea a todas as questões.

Agradeço antecipadamente a tua importante colaboração!

Saudações académicas

1. Idade _____
2. Sexo:
 - Feminino
 - Masculino
3. Nacionalidade _____
4. Sou aluno(a) do ____.^o ano de escolaridade
5. Costumas enviar SMS?
 - Sim
 - Não

Se respondeste “Não”, passa para a pergunta n.º 11

6. Para além dos SMS, como é que costumavas comunicar por escrito?
 - Por *e-mail*
 - Através de *chats* das redes sociais
 - Por carta
 - Outro. Qual? _____
7. Quantos SMS envias, em média, por dia?
 - Nenhum. Prefiro conversar, por telefone ou pessoalmente
 - De 0 a 10
 - De 10 a 20
 - Mais de 20

8. Com quem comunicas mais por SMS? Assinala com um X.

	Sempre	Por vezes	Raramente
Com os meus pais			
Com os meus amigos			
Professores/colegas/outros			

9. Quais são os sinais de pontuação que mais utilizas nos teus SMS? Assinala com um X.

	Sempre	Quase sempre	Raramente
.			
?			
!			
:			
;			
,			
«»			
...			
()			

10. Que tipo de escrita usas nos SMS que envias? Assinala com X.

	Sempre	Por vezes	Raramente
Escrevo com abreviaturas, para ser mais rápido			
Escrevo sem abreviaturas			
Escrevo mensagens longas			
Escrevo mensagens curtas			
Preocupo-me com a correção da minha escrita			
Leio o que escrevo antes de enviar			
Uso imagens nos SMS			
Uso pontuação nos SMS			
Substituo algumas letras por outras que ocupem menos espaço. Ex. “xatear” (chatear)			
Respeito as maiúsculas e as minúsculas			

11. Como é que caracterizas a escrita por SMS entre os jovens? Assinala com um X.

	Sim	Não	Às vezes
Substitui algumas letras por outras que têm o mesmo som			
Ignora os sinais de pontuação			
Utiliza muitos “smiles” para demonstrar sentimentos			
Curta, mas eficaz			
Tem muitos erros ortográficos			

12. Achas que os jovens escrevem nos cadernos, nos trabalhos e nos testes da escola, da mesma forma que escrevem nos SMS?

Não.

Sim.

12. a) Se respondeste sim, de que forma achas que isso acontece? Assinala com um X.

	Cadernos	Trabalhos para entregar ao professor	Testes de avaliação
Alteram as palavras, substituindo algumas letras, como por exemplo “axas” em vez de achas			
Não usam pontuação			
Usam abreviaturas			

13. Achas que o modo como se escreve nos SMS deveria ser aceite em sala de aula?

Sim.

Não.

Assinala as razões que suportam a tua opinião.

13. a) **sim**, porque:

poupava muito tempo a escrever nos trabalhos e nos testes.

é difícil escrever de outra forma também se percebe o que se quer dizer

13. b) **não**, porque:

o modo como se escreve nos SMS é só um código de escrita entre os jovens

o grande objetivo da escrita nos SMS entre os jovens é poupar tempo e dinheiro, escrevendo o máximo de palavras em pouco tempo

os alunos sabem como podem escrever nos SMS e como devem escrever em sala de aula

14. Escreves nas aulas da mesma forma que escreves nos SMS (caso envies SMS)?

Sim.

Porquê? _____

Não.

Porquê? _____

15. Escreve o seguinte texto, mas imagina que estás a enviá-lo por SMS. Faz todas as alterações que achares necessárias.

Olá mãe,

Estamos a estudar para o teste de amanhã. Assim que acabarmos vamos para casa ou dizemos-te qualquer coisa. Não te preocupes. Beijinhos e um chi-coração.

16. Escreve o seguinte texto com as palavras e a pontuação corretas.

temx de falar kom a xtora, axo k tá xateada poix ã demx u trabalhú. ã nux vamx exkexer ok? ke xaudadx dax feriadx!!

Obrigada!

6.2 Autorização da/o encarregada/o de educação

AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de encarregado de educação do(a) menor _____, AUTORIZO NÃO AUTORIZO que o meu educando(a) participe no estudo para efeitos de dissertação de mestrado em Ciências da Linguagem, relativo ao tema “A comunicação escrita, por SMS, dos alunos dos 2.º e 3.º ciclos – A importância do telemóvel e as alterações na comunicação escrita de um grupo de alunos da E.B. 2,3 José Carlos da Maia”. O estudo será feito através de um questionário anónimo e nenhum dado pessoal será pedido e/ou divulgado.

Assinatura

E.E.:

Data: ____/____/_____

6.3 Autorização do inquérito pelo Ministério da Educação.

De: mime-noreply@gepe.min-edu.pt
Enviado: quarta-feira, 29 de Outubro de 2014 12:18
Para: linda.d.esteves@gmail.com; linda.d.esteves@gmail.com
Assunto: Monotorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 0414500001

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0414500001, com a designação *A comunicação escrita, por SMS, dos alunos do 2.º ciclo*, registado em 13-10-2014, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo(a) Senhor(a) Dr(a) Deolinda Duarte Esteves
Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.
Com os melhores cumprimentos
José Vitor Pedroso
Diretor de Serviços de Projetos Educativos
DGE

Observações:

- a) A realização dos Inquéritos fica sujeita a autorização das Direções dos Agrupamentos de Escolas do ensino público contactados para a realização do estudo. Merece especial atenção o modo, o momento e condições de aplicação dos instrumentos de recolha de dados em meio escolar devendo fazer-se em estreita articulação com a Direção do Agrupamento.
- b) Deve considerar-se o disposto na Lei n.º 67/98 em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos, confidencialidade, proteção e segurança dos dados, sendo necessário solicitar o consentimento informado e esclarecido do titular dos dados. No caso presente de inquirição de alunos menores (menos de 18 anos) este deverá ser atestado pelos seus representantes legais. As autorizações assinadas pelos Encarregados de Educação devem ficar em poder da Escola/Agrupamento ao qual pertencem os alunos. Não deve haver cruzamento ou associação de dados entre os que são recolhidos pelos instrumentos de inquirição e os constantes das declarações de consentimento informado.

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.gepe.min-edu.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

6.4 Validação de questionário

Idade:

Concelho:

Pontos negativos do questionário:

Pontos positivos do questionário:

Sugestões para melhorar o questionário: